UM HOMEM QUE DORME

Não é necessário que você saia de casa. Permaneça à mesa e escute. Nem mesmo escute, espere apenas. Nem mesmo espere, esteja absolutamente silencioso e só. O mundo virá apresentar-se para que você lhe tire a máscara, ele não pode fazer de outra forma, extasiado, curvar-se-á diante de você.

Franz Kafka

(Meditações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho)

Assim que você fecha os olhos, a aventura do sono começa. À penumbra familiar do quarto, volume escuro cortado por detalhes, onde sua memória identifica sem dificuldade os caminhos que você mil vezes percorreu, retraçando-os a partir do quadrado opaco da janela, ressuscitando a pia a partir de um reflexo, a prateleira a partir da sombra um pouco mais clara de um livro, precisando o vulto mais negro das roupas penduradas, sobrevém, ao final de um certo tempo, um espaço em duas dimensões, semelhante a um quadro sem limites precisos, o qual formaria um pequenino ângulo com o plano de seus olhos, como se repousasse, meio perpendicularmente, sobre a aresta de seu nariz, quadro esse que, a princípio, pode parecer-lhe uniformemente cinzento, ou melhor neutro, sem cores nem formas, mas que, com certeza, muito em breve possuirá pelo menos duas propriedades: a primeira é que ele se torna mais sombrio ou menos sombrio, conforme você feche mais ou menos fortemente as pálpebras, como se, de modo mais preciso, a

contração exercida sobre o traço de suas sobrancelhas quando você fecha os olhos tivesse o efeito de modificar a inclinação do plano em relação ao seu corpo, como se o traço das suas sobrancelhas formasse a dobradiça do mesmo, e, por conseguinte, embora essa conseqüência não parecesse demonstrável senão pela evidência, de modificar a densidade, ou a qualidade, da escuridão que você percebe; a segunda é que a superfície desse espaço não é de modo algum regular, ou mais precisamente, a distribuição, a repartição da escuridão não se faz de forma homogênea: a zona superior é manifestamente mais sombria, a zona inferior, que lhe parece mais próxima, embora desde já, evidentemente, as noções de próximo e longínquo, alto e baixo, diante e detrás tenham deixado de ser inteiramente precisas, está, por um lado, muito mais cinzenta, isto é, não muito mais neutra como você acredita a princípio, mas realmente muito mais branca, e por outro lado contém, ou sustenta, um, dois, ou vários tipos de bolsas, de cápsulas, um pouco a idéia que você faz de uma glândula lacrimal, por exemplo, fina e ciliada nas extremidades, e em cujo interior tremem, se agitam, se contorcem clarões muito, muito brancos, às vezes muito delgados, como as finíssimas listras zebradas, às vezes muito mais espessos, quase roliços, como vermes. Estes clarões, embora clarões seja um termo absolutamente impróprio, têm a curiosa virtude de não poderem ser observados. Assim que você fixa neles atenção em demasia, e é quase impossível não fazê-lo, pois, afinal de contas, eles dançam à sua frente e todo o resto mal existe, na verdade, apenas são verdadeiramente sensíveis a dobradiça das suas sobrancelhas e aquele indefinidíssimo espaço em duas dimensões mais

ou menos perceptível onde a escuridão se espalha irregularmente, mas assim que você os olha, embora esta palavra não signifique mais nada, claro, assim que você procura, por exemplo, assegurar-se por pouco que seja da forma, ou da substância deles, ou de um detalhe, pode estar certo de encontrar-se, com os olhos abertos, diante da janela, retângulo opaco tornando-se quadrado, embora aquela ou aquelas bolsas não se lhe pareçam em nada. Eles reaparecem, no entanto, e com eles o espaço mais ou menos inclinado articulado sobre suas sobrancelhas, algum tempo após você ter fechado novamente os olhos, e, pelo visto, não mudaram de uma vez para a outra. Você não pode, entretanto, estar completamente seguro quanto a este último ponto pois, ao término de um tempo dificilmente apreciável, e embora nada lhe permita afirmar ainda que tenham positivamente desaparecido, você pode constatar que empalideceram consideravelmente. Você está agora diante de um tipo de grisalho zebrado, sempre integrando o mesmo espaço que prolonga mais ou menos as sobrancelhas, mas como que deformado a ponto de ser constantemente removido para a esquerda; você pode olhá-lo, explorá-lo, sem transtornar o conjunto, sem provocar um despertar imediato, mas isto não tem o menor interesse.

É à direita que algo acontece, no caso uma tábua, mais ou menos atrás, mais ou menos acima, mais ou menos à direita. A tábua evidentemente não se vê. Você sabe apenas que é dura, embora não esteja em cima dela, já que, na verdade, você está em cima de algo muito mole que é seu próprio corpo. Produz-se então um fenômeno sobremodo espantoso: existem primeiro três espaços que nada lhe permitiria confundir, seu corpo-leito que é

mole, horizontal, e branco, depois o traço de suas sobrancelhas que comanda um espaço cinzento, medíocre, oblíquo, e por fim a tábua, que é imóvel e muito dura acima, paralela a você, e talvez acessível. Está claro, portanto, mesmo se além disto mais nada está claro, que se você sobe na tábua, você dorme, que a tábua é o sono. O princípio da operação não pode ser mais simples, embora tudo o leve a pensar que será preciso muito tempo: seria necessário trazer de volta a cama, o corpo, até não passarem de um ponto, uma bola de gude, ou ainda, o que dá no mesmo, seria necessário reduzir toda a flacidez do corpo, concentrá-la em um só lugar, por exemplo, em algo como uma vértebra lombar. Mas o corpo, neste instante, não mais apresenta a bela unidade de há pouco, na verdade, se espalha em todos os sentidos. Você empenha-se em trazer até o centro um dedo do pé, ou o polegar, ou a coxa, mas então, a cada vez há uma regra que você esquece, é que nunca se deve perder de vista a dureza da tábua, era preciso proceder com astúcia, trazer o corpo sem que ele desconfie, sem que você próprio tenha certeza, mas é tarde demais, cada vez há muito tempo já tarde demais e, curiosa conseqüência, o traço de suas sobrancelhas se parte em dois e no centro, entre os seus dois olhos, como se a dobradiça tivesse firmado o conjunto todo, e que toda a força desta dobradiça estivesse reunida neste lugar, surge de súbito uma dor precisa, indubitavelmente consciente, e que você reconhece logo como sendo a mais banal das dores de cabeça.

Você está sentado, com o torso nu, vestido apenas com uma calça de pijama, no seu quarto de empregada, no banco estreito que lhe serve de cama, em seu colo repousa um livro, *Lições sobre a sociedade industrial*, de Raymond Aron, aberto na página cento e doze.

A princípio, é apenas uma espécie de lassidão, de fadiga, como se você percebesse de repente que há muito tempo, há várias horas, é vítima de um mal-estar traiçoeiro, entorpecedor, pouco doloroso e no entanto insuportável, a impressão adocicada e sufocante de estar sem músculos e sem ossos, de ser um saco de gesso no meio de sacos de gesso.

O sol bate nas folhas de zinco do telhado. À sua frente, na altura de seus olhos, numa prateleira de madeira branca, há uma cumbuquinha de Nescafé pela metade, um pouco suja, um pacote de açúcar chegando ao fim, um cigarro consumindo-se num cinzeiro de propaganda, de falsa opalina esbranquiçada.

No quarto vizinho, alguém anda de um lado para o

outro, tosse, arrasta os pés, desloca móveis, abre gavetas. No patamar, uma gota d'água pinga sem parar da torneira do ponto d'água. Os barulhos da Rua Saint-Honoré sobem desde lá debaixo.

Soam duas horas no campanário de Saint-Roch. Você levanta os olhos, pára de ler, mas você já não estava lendo há muito tempo. Você põe o livro aberto ao seu lado, sobre o banco. Estende a mão, esmaga o cigarro aceso no cinzeiro, termina a cumbuca de Nescafé: está apenas morno, muito açucarado, um pouco amargo.

Você está molhado de suor. Levanta-se, dirige-se à janela, e a fecha. Abre a torneira da minúscula pia, passa uma luva de banho úmida na testa, na nuca, nos ombros. Com os braços e as pernas dobradas deita-se de lado no banco estreito. Fecha os olhos. A cabeça está pesada, as pernas dormentes.

Mais tarde, chega o dia da sua prova e você não se levanta. Não é um gesto premeditado, nem é um gesto, aliás, mas uma ausência de gesto, um gesto que você não faz, gestos que evita fazer. Deitou-se cedo, seu sono foi tranqüilo, você dera corda no despertador, ouviu-o tocar, deixou que ele tocasse durante pelo menos vários minutos, já acordado pelo calor, ou pela claridade, ou pelo barulho dos leiteiros, dos lixeiros, ou pela apreensão.

O despertador toca, você não se mexe nem um pouco, continua na cama, torna a fechar os olhos. Outros despertadores tocam nos quartos vizinhos. Você ouve ruídos de água, portas que se fecham, passos precipitados nas escadas. A Rua Saint-Honoré começa a se encher de barulho de carros, rangidos de pneus, mudanças de

marcha, rápidas buzinadas. Venezianas batem, comerciantes suspendem as portas de ferro.

Você não se move. Não se moverá. Talvez outro, um sósia, um dublê fantasmagórico e meticuloso faça, em seu lugar, um a um, os gestos que você não faz mais: ele se levanta, lava o rosto, faz a barba, se veste, se vai. Você o deixa precipitar-se nas escadas, correr na rua, pegar o ônibus andando, chegar na hora marcada, sem fôlego, triunfante às portas da sala. Certificado de Estudos Superiores de Sociologia Geral. Primeira prova escrita.

Você se levanta tarde demais. Lá, cabeças estudiosas ou entediadas curvam-se pensativamente sobre as carteiras. Os olhares talvez inquietos de seus amigos convergem para o lugar que ficou vazio. Você não dirá em quatro, oito ou doze folhas, aquilo que você sabe, pensa, ou sabe que é preciso pensar sobre a alienação, os operários, a modernidade e o lazer, sobre os colarinhos-brancos ou sobre a automação, sobre o conhecimento alheio, sobre Marx rival de Tocqueville, sobre Weber inimigo de Lukács. De qualquer forma, você nada teria dito, pois não sabe grande coisa e não pensa nada. Seu lugar permanece vazio. Você não terminará a licenciatura, nunca conseguirá diplomar-se. Não estudará mais.

Como todos os dias você prepara uma cumbuquinha de Nescafé; adiciona-lhe, como todos os dias, algumas gotas de leite condensado. Não lava o rosto, mal se veste. Numa bacia de plástico cor-de-rosa, põe de molho três pares de meia.

Você não vai até a sala da prova na hora da saída procurar saber os temas oferecidos à perspicácia dos candidatos. Não vai ao café, onde por hábito deveria ter ido, como todos os dias, e sobretudo neste dia de excepcional gravidade, encontrar seus amigos. Um deles, na manhã seguinte, subirá os seis andares que levam a seu quarto. Você lhe reconhecerá os passos na escada. Deixará que ele bata na sua porta, que espere, que bata novamente, um pouco mais forte, que procure, em cima do alizar, a chave que você costumava deixar ao se ausentar alguns minutos para ir buscar pão, ou café, cigarros, ou o jornal ou a correspondência; que espere ainda, que bata de leve, que o chame em voz baixa, que hesite e desça, penosamente.

Ele voltou, mais tarde, e deixou um recado embaixo da porta. Depois vieram outros, no dia seguinte, ainda no outro dia, bateram na porta, procuraram a chave, chamaram, deixaram recados.

Você lê os bilhetes e os embola. Eles marcam encontros aos quais você não comparece. Permanece estendido no banco estreito, com os braços atrás da nuca, os joelhos elevados. Fita o teto e identifica-lhe as fendas, as lascas, as manchas, as saliências. Não tem vontade de ver ninguém, nem de falar, nem de pensar, nem de sair, nem de mover-se.

É num dia como este, um pouco mais tarde, um pouco mais cedo, que você descobre sem surpresa que alguma coisa não vai bem, que, para falar a verdade, você não sabe viver, que nunca saberá.

O sol bate no zinco do telhado. O calor no quarto de

empregada é insuportável. Você está sentado, preso entre o banco e a prateleira, com um livro aberto no colo. Não lê mais há muito tempo. Seus olhos mantêm-se fixos numa prateleira de madeira branca, numa bacia de plástico rosa, na qual apodrecem seis pés de meia. A fumaça do seu cigarro abandonado no cinzeiro sobe, retilínea ou quase, e se alastra numa camada instável sob o teto marcado por minúsculas rachaduras.

Alguma coisa se rompia, alguma coisa se rompeu. Você já não se sente — como dizer? — apoiado: algo que, parecia-lhe, parece-lhe tê-lo até então reconfortado, ter-lhe aquecido o coração, o sentimento da sua existência, da sua importância até, a impressão de aderir, de estar incorporado ao mundo, falece-lhe agora.

Mas você não é daqueles sujeitos que passam suas horas de vigília a se questionar se existem, e por que, de onde vêm, o que são, aonde vão. Você nunca se interrogou seriamente sobre a prioridade do ovo ou da galinha. As inquietações metafísicas não deixaram marcas profundas no seu nobre rosto. Mas, nada resta dessa trajetória precipitada, desse movimento para a frente no qual você sempre foi levado a discutir sua vida, isto é, seu sentido, sua verdade e tensão: um passado rico de experiências fecundas, de lições bem aprendidas, de jubilosas recordações de infância, de admiráveis prazeres campestres, de vivificantes ventos marítimos; um presente denso, compacto, encolhido como uma mola; um futuro generoso, verdejante, arejado. Seu passado, seu presente, seu futuro se confundem: são o peso de seus membros, sua enxaqueca traiçoeira, sua lassidão, o calor, a amargura e a tepidez do Nescafé. E, se for preciso um cenário em sua vida, não será a majestosa esplanada (em geral,

uma espetacular ilusão de perspectiva) onde brincam e voam as crianças de faces rechonchudas de humanidade conquistadora, porém, qualquer esforço que você faça, qualquer ilusão que você acalente ainda, é esta tripa no sótão que lhe serve de quarto, este pardieiro de dois metros e noventa e dois de comprimento por um metro e setenta e três de largura, ou seja, um pouquinho mais de cinco metros quadrados, esta mansarda de onde você não sai há várias horas, há vários dias: você está sentado num banco curto demais para poder esticar-se por inteiro, durante a noite, estreito demais para poder virar-se nele sem precauções. Você fita, com um olhar agora quase fascinado, uma bacia de plástico rosa que não contém menos de seis pés de meias.

Você permanece no seu quarto, sem comer, sem ler, quase sem se mexer. Olha a bacia, a prateleira, os joelhos, o seu olhar no espelho trincado, a tigelinha, o interruptor. Escuta os rumores da rua, a gota d'água na torneira do patamar, os barulhos do seu vizinho, seu pigarro, as gavetas que ele abre e fecha, seus acessos de tosse, o sibilar da chaleira. Você acompanha, no teto, a linha sinuosa de uma pequena fresta, o itinerário inútil de uma mosca, a progressão quase perceptível das sombras.

Esta é a sua vida. Isto é seu. Você pode fazer o inventário exato de sua mísera fortuna, o balanço preciso do seu primeiro quarto de século. Tem vinte e cinco anos e vinte e nove dentes, três camisas e oito meias, alguns livros que não lê mais, alguns discos que não ouve mais. Não tem vontade de lembrar-se de outra coisa, nem de sua família, nem de seus estudos, nem de seus amores, nem de seus amigos, nem de suas férias, nem de seus planos. Viajou e nada trouxe de suas viagens. Está sen-

tado e quer apenas esperar, esperar apenas até que não haja mais nada a esperar: que venha a noite, que soem as horas, que se vão os dias, que as lembranças esmaeçam.

Você não revê os amigos. Não abre a porta. Não desce em busca de correspondência. Não devolve os livros que tomou emprestado da Biblioteca do Instituto Pedagógico. Não escreve a seus pais.

Você sai somente ao cair da noite, como os ratos, os gatos e os monstros. Vagueia pelas ruas, se esconde nos cineminhas imundos dos Grands Boulevards. Às vezes caminha a noite toda; às vezes dorme o dia inteiro.

Você é um ocioso, um sonâmbulo, uma ostra. As definições variam segundo as horas, segundo os dias, mas o sentido continua mais ou menos claro: você sente que é pouco talhado para viver, para agir, para dar forma; você quer apenas durar, quer apenas a espera e o esquecimento.

A vida moderna de modo geral pouco aprecia tais disposições: à sua volta, você sempre viu privilegiarem a ação, os grandes planos, o entusiasmo: homem projetado para a frente, os olhos cravados no horizonte, homem que olha diretamente diante de si. Olhar límpido, queixo voluntarioso, andar firme, barriga pra dentro. A tenacidade, a iniciativa, a façanha, o triunfo traçam o caminho límpido demais de uma vida por demais exemplar, desenham as sacrossantas imagens da luta pela vida. As piedosas mentiras que embalam os sonhos de todos aqueles que marcam passo e atolam, as ilusões perdidas de milhares de enjeitados, aqueles que chegaram tarde demais, aqueles que depositaram a mala na calçada

e sentaram em cima para enxugar a testa. Mas você já não precisa de desculpas, de arrependimentos, de nostalgias. Nada repele, nada recusa. Parou de progredir, mas é que já não progredia, não prosseguirá, você chegou, não vê o que faria mais adiante: bastou, quase bastou um dia de maio quente demais, conjunção inoportuna de um texto cuja seqüência você perdera, uma cumbuca de Nescafé com gosto subitamente amargo demais, e uma bacia de plástico rosa, cheia de água turva onde flutuavam seis pés de meia, para que algo se quebre, se altere, se desfaça e surgisse a luz do dia — mas o dia nunca tem luz no quarto de empregada da Rua Saint-Honoré — esta verdade decepcionante, triste e ridícula como um castigo, pesada como um dicionário Gaffiot: você não tem vontade de prosseguir, nem de se defender, nem de atacar.

Seus amigos se cansaram e não batem mais à sua porta. Você quase não anda mais pelas ruas onde poderia encontrá-los. Evita as perguntas, o olhar daquele que o acaso põe às vezes no seu caminho, recusa a cerveja ou o café oferecidos. Apenas a noite, o quarto o protegem: o banco estreito onde permanece deitado, o teto que a cada instante redescobre; a noite, na qual sozinho no meio da multidão dos Grands Boulevards quase lhe acontece ficar feliz com o barulho e as luzes, o movimento, o esquecimento. Você não precisa falar, querer. Segue o fluxo que vai e vem, da République até a Madeleine, da Madeleine até a République.

Você não tem o hábito e não tem vontade de estabelecer diagnósticos. O que o perturba, o que o emociona, o que lhe dá medo, mas que às vezes o exalta não é a

rapidez da sua metamorfose, mas ao contrário, justamente, o sentimento vago e angustiante de que não há novidade, que nada mudou, que você sempre foi assim, mesmo que saiba disso somente hoje: aquilo, no espelho trincado, não é o seu novo semblante, são as máscaras que caíram, o calor do seu quarto as derreteu, o torpor as descolou. As máscaras do caminho certo, das belas certezas. Durante vinte e cinco anos, você nada soube daquilo que hoje já é o inexorável? Nunca viu falhas naquilo que considera ser sua história? Tempos mortos, quedas de pressão. O desejo fugidio e pungente de não ouvir mais, de não ver mais, de permanecer silencioso e imóvel. Os insensatos desejos de solidão. Amnésico errante no País dos Cegos: ruas largas e vazias, luzes frias, rostos mudos sobre os quais deslizaria o seu olhar. Você nunca seria atingido.

Como se, por detrás da sua história serena e tranqüilizadora de criança comportada, de bom aluno, de companheiro leal, e sob esses sinais evidentes, do crescimento, do amadurecimento — os rabiscos a lápis no alizar da porta do banheiro, os diplomas, as calças compridas, os primeiros cigarros, a ardência da lâmina de barbear, o álcool, a chave debaixo do capacho para as saídas de sábado à noite, o desvirginamento, o batismo do ar, o batismo do fogo — passasse desde sempre um outro fio, sempre presente, sempre mantido afastado, que agora tece a tela familiar da sua vida reencontrada, o cenário vazio de sua vida desertada, lembranças reaparecidas, imagens de filigranas desta verdade desvendada, desta demissão tanto tempo suspensa, deste apelo à calma,

imagens inertes e imprecisas, fotografias superexpostas, quase brancas, quase mortas, já quase fósseis: uma rua do interior, postigos fechados, sombras escuras, moscas zumbindo numa zona militar, sala de visita coberta por capas cinzentas, poeira suspensa num raio de luz, campos desmatados, cemitérios aos domingos, passeios de automóvel.

Homem sentado num banco estreito, numa tarde de quinta-feira, com um livro aberto no colo, olhar ausente.

Você é apenas uma sombra confusa, um caroço duro de indiferença, um olhar neutro fugindo dos olhares. Lábios mudos, os olhos apagados, saberá daqui por diante identificar nas poças d'água, nas vidraças, nas carrocerias luzidias dos automóveis, os reflexos fugidios de sua vida em marcha lenta.

Sua mão ausente desliza ao longo da prateleira de madeira branca. A água goteja na torneira do patamar. Seu vizinho dorme. O fraco arquejo de um táxi a óleo diesel parado acentua mais do que rompe o silêncio da rua. O esquecimento infiltra-se em sua memória. Nada aconteceu. Nada acontecerá mais. As frestas do teto desenham um improvável labirinto.

Houve aqueles dias ocos, o calor no seu quarto, como numa caldeira, como numa fornalha, e as seis meias, tubarões moles, baleias adormecidas, na bacia de plástico rosa. Esse despertador que não tocou, não toca e não tocará a hora de seu despertar. Você coloca o livro aberto ao seu lado, sobre o banco. Estica-se. Tudo é peso,

murmúrio, torpor. Você se deixa escorregar. Mergulha no sono.

Existem a princípio imagens, familiares ou obsessivas; cartas postas que você pega e torna a pegar sem cessar, sem jamais chegar a ordená-las como gostaria, com a impressão desagradável de precisar chegar ao fim, ter êxito nesta organização, como se dela dependesse a revelação de uma verdade essencial, mas é sempre a mesma carta que você pega e torna a pegar, põe e torna a pôr, arruma e torna a arrumar; multidões que sobem e descem, que vão e vêm; paredes que o cercam e das quais você procura a saída secreta, o botão escondido que fará ruir as paredes, voar o teto; formas que se esboçam, se esquivam, voltam, desaparecem, se aproximam, se apagam, chamas ou damas que dançam, jogos de sombras.

Mais tarde, recordações que não conseguem vir à tona, provas que não provam mais nada, a não ser, talvez, que um Observatório em Aberdeen, em Inverness, conseguiu de fato captar sinais vindos de estrelas longín-

quas: seria a Nebulosa de Andrômeda, ou a Constelação de Goll e Burdach? Ou os Tubérculos quadrigêmeos? A solução imediata, clara, do problema que nunca deixou de o preocupar: o cavaleiro nunca é trunfo de copas, a menos que o falsete tenha sido descartado. Palavras sem seqüência portadoras de sentido emaranhado turbilhonam à sua volta. Que homem está trancado em que castelo de cartas? Que fio? Que Lei?

É preciso ser objetivo, lógico. Agir com método. Num determinado momento, é preciso a qualquer preço saber parar, refletir, pesar bem a situação. Se houver um lago no meio da sua cabeça, o que não só é verossímil como normal, ainda que não se possa afirmá-lo sem precauções, ser-lhe-á necessário um certo tempo para atingi-lo. Não há vereda, nunca há vereda, e, próximo às margens, ser-lhe-á necessário ter cuidado com as ervas, sempre perigosas nesta época do ano. Com certeza, tampouco haverá barcas, quase nunca há barcas, mas você pode atravessar a nado.

Mais tarde, nunca houve lago, evidentemente. Você se lembra muito bem de que jamais houve lago. Entretanto, há muito tempo já, você se depara com o sono, mais próximo do que nunca. Ele tem sua forma habitual: a bola, ou melhor, a bolha, a grande, a enorme bolha, decerto transparente, mas não de vidro, seria antes de sabão, mas um sabão muito duro, absolutamente sem gordura, um pouco friável, ou talvez melhor, uma pele extremamente fina, muito esticada. Todas as características estão aí, nem mesmo precisa procurá-las para sabê-lo, é normal, basta enumerá-las: em cima a bolha torna-se ro-

sada, de frente ela se descama, do lado tenta fracamente respirar; o resto pertence ao travesseiro em torno do qual você se enrola e ao qual está preso graças à pressão que exerce sem forçar sobre o anel formado pelo seu polegar e seu dedo indicador direito.

Agora tudo se torna muito mais difícil. Primeiro, começa a evidenciar-se que a bolha trapaceou; ela não é nada esférica, e sim pisciforme e fusiforme; depois sua translucidez é de qualidade absolutamente medíocre, quase nada superior à do travesseiro; por fim e sobretudo, ela não está ficando nem um pouco rosada na parte superior. A única coisa certa, talvez, são as descamações que se multiplicaram muito depressa, e a respiração que de fraca se tornou ampla. Porém o mais embaraçoso é a temperatura do conjunto que se elevou rapidamente e que não tardará a atingir um limite crítico, cujos sinais anunciadores são as esfoliações cada vez mais numerosas.

A situação é incômoda. Você errou em prestar atenção a detalhes que nem mesmo eram verdadeiros; na certa, eram apenas armadilhas, e agora, você está realmente preso no interior do travesseiro onde faz tanto calor e é tão escuro que você se pergunta, não sem alguma preocupação, como fará para sair dali. Felizmente, esta não é a primeira vez que você se encontra em tal situação; você sabe que lhe basta encontrar uma elevação de terreno no horizonte, ou uma luz na escuridão, um lago, ou um lugar fresco para você mergulhar, e, justamente, você se sente com extraordinária disposição para

mergulhar. No entanto, por mais que procure, nada há a sua frente, nem horizonte, nem luz, nem lago, nada, apenas o travesseiro, negro, grosso, sufocante. Isso não o surpreende, de certa forma já esperava. Você olha para trás, e, claro, logo percebe que nem mesmo estava enclausurado, que, durante todo este tempo, o sono, o verdadeiro sono estava atrás de você, não à frente, atrás de você, bem reconhecível com suas longas praias cinzentas, seu horizonte gelado, seu céu negro percorrido por luzes brancas ou cinzentas. De súbito você o percebe, reconhece-o imediatamente, mas é tarde demais para atingi-lo, como sempre; vai ficar para outra vez. Você sabia disto também, ou deveria tê-lo previsto: nunca deve virar-se, não tão bruscamente pelo menos, senão tudo se rompe, em completa desordem, o travesseiro cai e leva a sua face, seu antebraço, seu polegar, seus pés oscilam um em cima do outro: a clarabóia cinzenta retoma seu lugar não longe de você, a masmorra no sótão se refaz e se fecha, você está sentado no banco.

Mais tarde, você deixa Paris; não vai ao acaso, vai para a casa de seus pais, no campo, próximo a Auxerre. É uma vila um pouco morta para onde foram uma vez aposentados. Você passou aí alguns anos em criança, algumas férias. Os restos de uma fortaleza dominam uma colina em cujo sopé a aldeia se estendeu. Um bem-aventurado, não longe dali, teria vivido numa caverna que se pode visitar. Na praça, perto da igreja, há uma árvore que dizem ser várias vezes centenária.

Você fica ali vários meses. Na hora das refeições, escuta os noticiários, os jogos radiofônicos. À noite, joga cartas com seu pai, que é o vencedor. Deita-se muito cedo, antes de seus pais, às nove horas. Lê às vezes a noite toda. Descobriu, no seu quarto, no sótão, no fundo dos guarda-roupas, os livros de seus quinze anos, Alexandre Dumas, Júlio Verne, Jack London, e as pilhas de romances policiais trazidas com você a cada uma das estadias passadas. Você os relê cuidadosamente, sem saltar uma linha, como se os tivesse de todo esquecido, como se nunca os tivesse lido de fato.

Mal fala com seus pais. Você os vê quase que exclusivamente na hora das refeições. De manhã, permanece na cama. Ouve seus pais irem e virem pela casa, subirem e descerem as escadas, tossirem, abrirem gavetas. Seu pai serra madeira. Um merceeiro ambulante buzina junto ao portal. Um cão late, pássaros cantam, o sino da igreja toca. Deitado em sua cama alta, com o edredom de penas cobrindo até o queixo, você observa as vigas do teto. Uma aranha minúscula, de barriga cinza quase branco, tece sua teia no canto de uma trave.

Você se senta à mesa da cozinha coberta com um encerado. Sua mãe serve-lhe uma tigelinha de café com leite, passa-lhe o pão, a geléia, a manteiga. Você come em silêncio. Ela lhe fala dos seus rins, do seu pai, dos vizinhos, da aldeia. A senhora Theveneau arrendou a fazenda. O cão dos Moreau está morto. As obras da rodovia já começaram.

Você desce até a aldeia fazer algumas compras para sua mãe, comprar fumo para seu pai, cigarros para você. Os fazendeiros fugiram do que outrora fora um grande burgo. A estrada de ferro estava interrompida, havia um tabelião, uma feira. Duas explorações agrícolas apenas subsistem. A aldeia está agora habitada por aposentados e gente da cidade que ali passam o fim de semana e um mês a cada verão, duplicando ou triplicando a população habitual da época do inverno.

Você ladeia as casas reformadas: postigos pintados de novo em verde-maçã, plaquês de flor-de-lis em ferro batido, lanternas de antiquários, jardins ornamentais, pedregal que nenhuma divindade habita, paraíso dos veranistas. Advogados, merceeiros, funcionários públicos podam os buxos, ancinham os cascalhos, limpam os

canteiros, dão comida aos peixes de aquário. Na praça reúnem-se as bicicletas motorizadas, as motonetas dos mais novos. O bar-tabacaria está cheio.

Todas as tardes você sai a passeio. Vai pela estrada a princípio, depois, para lá de uma pedreira abandonada, embrenha-se na floresta. Apanha do chão um galho que você destroça como pode. Segue ao longo de campos de trigo maduro, decapita as ervas viçosas com golpes fortes e desajeitados de bastão. Você ignora o nome das árvores, das flores, das plantas, das nuvens. Senta-se no alto de uma colina de onde observa toda a aldeia: a casa de seus pais, ligeiramente isolada, com os seus três telhados de cores diferentes, a igreja, o castelo quase à altura de seus olhos, o viaduto por onde passava outrora a estrada de ferro, o lavadouro, o correio. Na estrada branca, bem abaixo, como um galeão que sai do porto, um enorme caminhão distancia-se. Um camponês, sozinho, no meio de sua lavoura, guia o arado puxado por um cavalo pedrês.

Pássaros lançam gritos, gorjeios, chamados roucos, trinados. As grandes árvores fremem. A natureza está ali a convidá-lo e amá-lo. Você masca ervas que cospe de imediato: a paisagem inspira-lhe pouco, a paz do campo não o comove, o silêncio do campo não o enerva nem o acalma. Apenas o fascinam de quando em quando um inseto, uma pedra, uma folha caída, uma árvore: você fica às vezes horas a fitar uma árvore, a descrevê-la, a dissecá-la: as raízes, o tronco, a ramagem, as folhas, cada fo-

lha, cada nervura, cada galho novamente, e o jogo infinito das formas indiferentes que seu olhar ávido pedincha ou suscita: personagem, cidade, dédalo ou caminho, brasões e cavalgadas. À medida que sua percepção se aguça, torna-se mais paciente e mais flexível, a árvore explode e renasce, mil nuanças de verde, mil folhas idênticas e no entanto diferentes. Parece-lhe que poderia passar vida ante uma árvore, sem esgotá-la, sem compreendê-la, porque nada tem a compreender, somente a olhar: tudo que pode dizer dessa árvore, afinal, é que é uma árvore; tudo o que essa árvore pode dizer-lhe é que é uma árvore, raiz, depois tronco, depois galhos, depois folhas. Você não pode esperar dela outra verdade. A árvore não tem moral a lhe propor, não tem mensagem a lhe entregar. Sua força, sua majestade, sua vida — se você espera ainda poder extrair algum sentido, alguma coragem, destas antigas metáforas — não passam de imagens, pontos positivos, tão vãos quanto a paz dos campos, quanto a traição da água que dorme, a valentia das pequenas veredas que sobem não muito alto mas sozinhas, o sorriso das encostas onde os cachos amadurecem ao sol.

É por causa disso que a árvore o fascina, ou surpreende-o, ou fá-lo repousar, por causa dessa evidência insuspeita, insofismável, da casca e dos galhos, das folhas. É por causa disso, talvez, que você nunca sai a passear com um cão, porque ele olha para você, lhe suplica, fala com você. Os olhos molhados de gratidão, os ares de cão vencido, os pulos de cão alegre, obrigam-no sem cessar a conferir-lhe o ignóbil estatuto de animal doméstico. Você não pode permanecer neutro perante um cão, nem perante um homem. Porém você jamais dialogará com

uma árvore. Não pode viver na presença de um cão porque o cão, a cada instante, exigir-lhe-á fazê-lo viver, alimentá-lo, acariciá-lo, ser homem para ele, ser seu dono, o seu deus vociferando esse nome de cão que o fará imediatamente encolher-se. Mas a árvore não lhe pede nada. Você pode ser Deus dos cães, Deus dos gatos, Deus dos pobres, bastam-lhe uma coleira, um pouco de fressura, alguma fortuna, contudo você jamais será dono da árvore. Poderá somente querer tornar-se árvore por sua vez.

Não que você deteste os homens, por que haveria de detestá-los? Por que haveria de detestar-se? Se ao menos o fato de pertencer à espécie humana não se seguisse desse insuportável tumulto, se ao menos esses poucos passos irrisórios transpostos no reino animal não necessitassem ser pagos com uma perpétua indigestão de palavras, de planos, de grandes começos! Mas é demasiado caro por polegares oponíveis, por uma posição vertical, pela imperfeita rotação da cabeça sobre os ombros; essa caldeira, essa fornalha, essa grelha que é a vida, esses bilhões de intimações, de estímulos, de defesas, de exaltações, de desesperos, esse banho de coações sem fim, essa eterna máquina de produzir, de triturar, de engolir, de triunfar das armadilhas, de recomeçar ainda e sem cessar, esse doce terror que pretende reger cada dia, cada hora de sua exígua existência!

Você quase nada viveu, e no entanto, já está tudo dito, tudo terminado. Tem apenas vinte e cinco anos,

mas sua trajetória está inteiramente traçada. Os papéis estão prontos, os rótulos: do urinol de sua primeira infância à cadeira de rodas de seus velhos dias, todos os postos estão ali e esperam a sua vez. Suas aventuras são tão bem descritas que a mais violenta revolta não abalaria ninguém. Você poderá em vão descer à rua e mandar às favas os chapéus das pessoas, cobrir a cabeça de imundícies, ir descalço, publicar manifestos, atirar à passagem de um usurpador qualquer, de nada adiantará: sua cama já está pronta no dormitório do asilo, seu talher está posto na mesa dos poetas malditos. Barco enfurecido, miserável milagre. O *Harrar* é uma atração popular, uma viagem organizada. Tudo está previsto, tudo está preparado nos mínimos detalhes: os grandes ímpetos do coração, a fria ironia, o dilaceramento, a plenitude, o exotismo, a grande aventura, o desespero. Você não venderá sua alma ao diabo, não irá, de sandálias nos pés, lançar-se no Etna, não destruirá a sétima maravilha do mundo. Tudo já está pronto para a sua morte: a bala de canhão que o levará há muito foi forjada, as pranteadeiras já estão designadas para acompanhar o seu caixão.

Por que subiria até o cume das mais altas colinas, já que em seguida ser-lhe-ia necessário descer, e, tendo descido, como fazer para não passar a vida contando como fez para subir? Por que fingiria viver? Por que continuaria? Você já não sabe de tudo que lhe acontecerá? Você já não foi tudo que devia ser: o digno filho de seu pai e de sua mãe, o bravo escoteirinho, o bom aluno que poderia ter sido melhor, o amigo de infância, o distante primo, o admirável militar, o jovem pobre? Com alguns esforços, nem mesmo com alguns esforços, alguns anos a mais, e você será o funcionário de nível médio, o caro colega. Bom marido, bom pai, bom ci-

dadão. Ex-combatente. Um a um, como a rã, subirá os pequenos degraus da escala social. Poderá escolher, numa gama extensa e variada, a personalidade que melhor convier a seus desejos, ela será cuidadosamente remodelada às suas medidas: será condecorado? Culto? Fino *gourmet*? Investigador perspicaz? Amigo dos animais? Consagrará as horas de lazer a massacrar no piano desafinado sonatas que nada lhe fizeram? Ou ainda fumará um cachimbo numa cadeira de balanço repetindo-se que a vida tem coisas boas?

Não. Você prefere ser a peça que falta no quebra-cabeça. Você tira do jogo os seus melhores trunfos. Não aproveita a sorte, deixa os dois pássaros voarem. Passa o carro à frente dos bois, regozija-se por coisas incertas, gasta antecipadamente, bebe seus recursos, põe a chave debaixo da porta, vai-se sem olhar para trás.

Você não ouvirá mais os bons conselhos. Não buscará remédios. Seguirá seu caminho, olhará as árvores, a água, as pedras, o céu, seu rosto, as nuvens, os tetos, o vazio.

Permanece perto da árvore. Nem mesmo pede ao cicio do vento nas folhas que se torne oráculo.

Vem a chuva. Você não sai mais de casa, mal sai do quarto. Lê em voz alta, o dia todo, acompanhando com o dedo as linhas do texto, como as crianças, como os velhos, até que as palavras percam o sentido, que a frase mais simples torne-se defeituosa, caótica. A noite vem. Você não acende a luz e continua imóvel, sentado à mesinha perto da janela, com o livro nas mãos, não lê mais, mal ouvindo os ruídos da casa, o estalido das vigas, do assoalho, seu pai que tosse, o toque dos aros de ferro fun-

dido colocados em cima do fogão de lenha, o barulho da chuva nas calhas de zinco, a passagem a distância de um automóvel na estrada, a buzinada do ônibus das sete na curva perto da colina.

Os veranistas se foram. As casas de campo estão fechadas. Quando você atravessa a aldeia, raros cães latem à sua passagem. Fragmentos de cartazes amarelados, na praça da igreja, ao lado da prefeitura, do correio, do lavadouro, ainda chamam a atenção para leilões, bailes, festas passadas.

Você às vezes ainda passeia. Refaz os mesmos caminhos. Atravessa campos cultivados que lhe deixam nas botinas grossas solas de barro. Embaraça-se nas bibocas do caminho. O céu está cinzento. Camadas de neblina ocultam as paisagens. Fumaça sobe de algumas chaminés. Você sente frio apesar do seu casaco forrado, dos sapatos, das luvas; tenta desajeitadamente acender um cigarro.

Você dá voltas mais distantes que o levam para outras aldeias, atravessando os campos e os bosques. Senta-se à longa mesa de madeira de uma cantina de mercearia da qual é o único cliente. Alguém lhe serve um *consommé* de carne ou um café sem gosto. Dezenas de moscas amontoam-se no papel pegajoso que ainda pende em espiral do abajur de metal esmaltado. Um gato indiferente esquenta-se perto do aquecedor de ferro fun-

dido. Você contempla as latas de conserva, os pacotes de sabão em pó, os aventais, os cadernos escolares, os jornais já velhos, os cartões-postais rosa-choque onde soldados rechonchudos cantam em versos os belos sentimentos que lhes inspira uma noiva loura, o horário dos ônibus, os resultados do turfe, o resultado dos jogos de domingo.

Revoadas de pássaros passam muito alto no céu. No canal do Yonne, uma comprida bateira, de casco azul-metálico, desliza, puxada por dois grandes cavalos pardos. Você volta caminhando ao longo da auto-estrada, no meio da noite, cruzado e ultrapassado por carros que uivam, ofuscado pelos faróis que, do sopé das encostas, parecem por instantes querer iluminar o céu antes de precipitarem-se contra você.

Você volta para Paris e reencontra seu quarto, seu silêncio. A gota d'água, as multidões, as ruas, as pontes; o teto, a bacia de plástico rosa; o banco estreito. O espelho trincado onde se refletem os traços que compõem o seu rosto.

Seu quarto é o centro do mundo. Esse antro, essa mansarda que conserva para sempre o seu cheiro, essa cama na qual você deita sozinho, essa prateleira, esse linóleo, esse teto onde já contou cem mil vezes as fendas, as lascas, as manchas, as saliências, essa pia que de tão pequena parece móvel de boneca, essa bacia, essa janela, esse papel do qual você conhece cada flor, cada haste, cada entrelaçado, e a respeito do qual você é o único a poder afirmar que, apesar da perfeição quase infalível dos processos de impressão, as estampas nunca são absolutamente iguais, esses jornais lidos e relidos, que você lerá e relerá ainda, esse espelho trincado que jamais refle-

tiu outra imagem além da sua fragmentada em três porções desiguais, que podem sobrepor-se ligeiramente, que o hábito lhe permite quase ignorar, esquecendo o esboço de um olho frontal, o nariz partido, a boca perpetuamente torta, para fixar-se apenas na listra zebrada em forma de Y como a cicatriz quase esquecida, quase apagada, de uma ferida antiga, golpe de sabre ou de chicotada, esses livros alinhados, esse aquecedor, essa maleta de toca-discos orlada por falso couro grená; assim começa e termina o seu reino, que reúne em círculos concêntricos, amigos ou inimigos, os ruídos sempre presentes que sozinhos vinculam-no ao mundo: a gota d'água pingando na torneira do patamar, os barulhos de seu vizinho, seu pigarro, as gavetas que ele abre e fecha, seus acessos de tosse, sua chaleira sibilante, os rumores da Rua Saint-Honoré, o murmúrio incessante da cidade. De muito longe, a sirene de um carro de bombeiros parece vir contra você, distanciar-se, voltar. No cruzamento da Rua Saint-Honoré com a Rua das Pirâmides, a alternância regular de freadas, paradas, retomada de velocidade, acelerações, cadencia o tempo quase tão seguramente quanto a gota incansável, quanto o campanário de Saint-Roch.

Seu despertador, há muito tempo, marca cinco horas e quinze minutos. Ele parou durante sua ausência, com certeza, e você negligenciou de lhe dar corda. No silêncio do seu quarto, o tempo não penetra mais, está nos arredores, banho permanente, ainda mais presente, obsessor, do que os ponteiros de um relógio para os quais você poderia não olhar, e no entanto ligeiramente torcido, falseado, um pouco suspeito: o tempo passa, mas você nunca sabe que horas são, o campanário de

Saint-Roch não marca os quartos de hora, nem a meia hora, a alternância dos semáforos no cruzamento da Rua Saint-Honoré com a Rua das Pirâmides não intervém a cada minuto, a gota d'água não cai a cada segundo. São dez horas, ou talvez onze, como estar certo de que você ouviu bem, é tarde, é cedo, o dia rompe, a noite cai, os ruídos nunca cessam por completo, o tempo não pára totalmente, mesmo que mal seja perceptível: minúscula falha no muro do silêncio, murmúrio escasso, esquecido, do gota-a-gota, quase confundível com os batimentos do coração.

Seu quarto é a mais bela das ilhas desertas, e Paris é um deserto jamais atravessado por alguém. Você de nada mais necessita além desta calma, deste sono, deste silêncio, deste torpor. Que os dias comecem e terminem, que o tempo se esvaia, que sua boca se feche, que os músculos de sua nuca, de seu maxilar, de seu queixo, relaxem por completo, que unicamente os movimentos de sua caixa torácica, os batimentos do seu coração, testemunhem ainda sua paciente sobrevivência.

Nada mais querer. Esperar, até que nada mais haja a esperar. Vegetar, dormir. Deixar-se levar pelas multidões. Pelas ruas. Seguir as sarjetas, as grades, a água ao longo das margens. Percorrer os cais, passar rente às paredes. Perder seu tempo. Retirar-se de todo e qualquer plano, de toda impaciência. Estar sem desejo, sem despeito, sem revolta.

Estará diante de você, ao longo do tempo, uma vida

jacente, sem crise, sem desordem: nenhuma aspereza, nenhum desequilíbrio. Minuto após minuto, hora após hora, dia após dia, estação após estação, algo vai começar e nunca terá fim: sua vida vegetativa, sua vida nula.

Aqui, você aprende a subsistir. Às vezes, dono do tempo, dono do mundo, pequena aranha atenta no centro da teia, você reina sobre Paris: governa o norte pela Avenida da Ópera, o sul pelos guichês do Louvre, o leste e o oeste pela Rua Saint-Honoré.

Às vezes, você tenta resolver a enigmática imagem de um rosto esboçada talvez pelo jogo complexo das sombras e das fendas num fragmento do teto, olhos e nariz, ou nariz e boca, testa que nenhuma cabeleira determina, ou então o desenho preciso do contorno de uma orelha, rudimentos de um ombro e de um pescoço.

Existem mil maneiras de matar o tempo e nenhuma se assemelha à outra, porém todas valem, mil modos de nada esperar, mil jogos que você pode inventar e abandonar logo.

Você tem tudo a aprender, tudo aquilo que não se aprende: a solidão, a indiferença, a paciência, o silêncio.

Você deve desabituar-se de tudo: de ir ao encontro daqueles com quem tanto tempo conviveu, de fazer as refeições, tomar seu café no lugar que a cada dia outros reservaram para você, defenderam às vezes para você, de arrastar-se na cumplicidade enfadonha das amizades que sobrevivem sem fim, no rancor oportunista e covarde das ligações que se esfiapam.

Você está só, e por esta razão, é preciso que nunca mais olhe as horas, é necessário que nunca conte os minutos. Você não deve mais abrir sua correspondência febrilmente, não deve mais decepcionar-se ao encontrar apenas um prospecto convidando-o a adquirir pela módica quantia de setenta e sete francos um aparelho de sobremesa marcado com suas iniciais ou os tesouros da arte ocidental.

Você deve esquecer-se de ter esperanças, de empreender, de triunfar, de perseverar.

Você se entrega, e isto lhe é quase fácil. Evita os caminhos que por longo tempo percorreu. Deixa o tempo apagar a lembrança dos rostos, dos números de telefone, dos endereços, dos sorrisos, das vozes.

Você se esquece de que aprendeu a esquecer, de que um dia forçou-se ao esquecimento. Você vagueia pelo Bulevar Saint-Michel sem nada mais reconhecer, ignorando vitrinas, ignorado pela enchente de estudantes que sobe e desce. Não entra mais nos cafés, não os percorre mais com ar preocupado, indo até a sala do fundo à procura você nem sabe mais de quem. Não procura mais ninguém nas filas que se formam de duas em duas horas na frente dos sete cinemas da Rua Champollion. Não vagueia mais como alma penada no grande pátio da Sorbonne, não anda mais a passos largos nos longos corre-

dores para chegar à saída das salas, não vai mais em busca de saudações, sorrisos, sinais de reconhecimento na biblioteca.

Você está só. Aprende a andar como um homem só, a andar sem destino, a arrastar-se, a ver sem olhar, a olhar sem ver. Conhece a transparência, a imobilidade, a inexistência. Aprende a ser uma sombra e a olhar os homens como se fossem pedras. Aprende a ficar sentado, ficar deitado, ficar de pé. Aprende a mastigar cada bocado, a encontrar o mesmo sabor chocho em cada porção de alimento que você leva à boca. Aprende a olhar os quadros expostos nas galerias de arte como se fossem pedaços de paredes, de tetos, e as paredes, os tetos, como se fossem telas das quais você segue sem cansaço as dezenas, os milhares de caminhos sempre recomeçados, labirintos inexoráveis, texto que ninguém saberia decifrar, rostos em decomposição.

Você entra na Ile Saint-Louis, toma a Rua de Vaugirard, vai em direção a Péreire, a Château-Landon. Caminha lentamente, volta, roça as fachadas. Exposições de artigos de droguistas, de eletricistas, de retroseiros, de antiquários. Você vai sentar-se no parapeito da ponte Louis-Philippe e observa fazer-se e desfazer-se um redemoinho sob os arcos, a depressão em forma de funil que perpetuamente se esvazia e se enche na frente dos esporões. Barcos, barcas passam mais adiante, revolvendo os jogos da água contra os pegões. Em toda a extensão do cais, pescadores sentados, imóveis, acompanham com os olhos o imperturbável abandono das bóias.

Do terraço de um café, sentado diante de um chope ou de um cafezinho, você observa a rua. Carros particulares, táxis, camionetes, ônibus, motocicletas, motonetas passam, em grupos compactos que raras e breves interrupções separam: os reflexos longínquos dos semáforos que dirigem o trânsito. Nas calçadas fluem as duplas torrentes contínuas, porém muito mais diluídas, dos transeuntes. Dois homens levando as mesmas pastas de falso couro cruzam-se num mesmo passo cansado; mãe e filha, crianças, senhoras idosas carregadas de sacolas, um militar, um homem sobrecarregado por duas pesadas malas, e outros ainda, com pacotes, jornais, cachimbos, guarda-chuvas, cães, barrigas, chapéus, carrinhos de bebê, uniformes, alguns quase correndo, outros arrastando os pés, parando perto das vitrinas, cumprimentando-se, separando-se, ultrapassando-se, cruzando-se, velhos e jovens, homens e mulheres, felizes e infelizes. Grupos incessantemente dissolvidos e refeitos amontoam-se junto aos pontos de ônibus. Um homem-sanduíche distribui prospectos. Em vão uma mulher faz largos sinais para os táxis que passam. A sirene de um carro de bombeiros ou da polícia vem em sua direção, amplificando-se.

Mecânicos passam a toda brida, solicitados para que urgências? Você nada sabe das leis que fazem juntar-se essas pessoas que não se conhecem, que você não conhece, nessa rua onde você está pela primeira vez em sua vida, e onde você nada tem a fazer, senão contemplar essa multidão que vai e vem, que se precipita, que pára: esses pés nas calçadas, essas rodas nos calçamentos, que

fazem todos eles? Aonde vão? Quem os chama? Quem os faz retornar? Que força ou que mistério os leva a pousar alternadamente o pé direito depois o pé esquerdo na calçada, aliás, com uma coordenação que dificilmente saberia ser mais eficaz? Milhares de ações inúteis agrupam-se no mesmo instante no campo demasiado estreito do seu olhar quase neutro. Estendem ao mesmo tempo a mão direita e apertam-na como se quisessem esmagá-la, emitem oralmente mensagens que parecem significativas, contorcem em todos os sentidos a face, o nariz, as sobrancelhas, os lábios, as mãos, pausando sua fala de mímicas expressivas; tiram suas agendas, passam uns pelos outros, cumprimentam-se, invectivam-se, congratulam-se, atropelam-se; seguem o seu destino sem vê-lo, e no entanto, você está a alguns centímetros deles, sentado no terraço de uma lanchonete, e não pára de olhar para eles.

Você divaga. Imagina uma classificação de ruas, de bairros, de edifícios; os bairros loucos, os bairros mortos, as ruas-feiras, as ruas-dormitórios, as ruas-cemitérios, as fachadas nuas, as fachadas roídas, as fachadas enferrujadas, as fachadas disfarçadas.

Você circunda os pequenos jardins públicos, crianças passam por você correndo e deixando escorregar nas grades uma régua de ferro ou de madeira. Senta-se nos bancos de ripas verdes e pés de ferro fundido esculpidos em forma de patas de leão. Velhos guardas aleijados conversam com governantas de outras épocas. Com a ponta do sapato, você traça na terra meio arenosa círculos, quadrados, um olho, suas iniciais.

Você descobre ruas por onde nenhum carro passa, onde ninguém parece morar, sem nenhuma outra casa comercial além de uma loja fantasma, uma costureira com sua vitrina cortinada de véu onde parece ter sido sempre exposto o mesmo manequim embaciado desbotado pelo sol, as mesmas cartelas de botões-fantasia, as mesmas gravuras de moda que trazem no entanto a data do ano, ou ainda um colchoeiro oferecendo molas, pés de cama em forma de bola, de caroço de azeitona, de palito, as diferentes qualidades de crina e de cotim, ou ainda um sapateiro no seu recanto improvisado de lojinha, cuja porta é uma cortina feita de rodelas achatadas de plástico de todas as cores montadas com fios de náilon.

Você descobre as passagens: Passagem Choiseul. Passagem dos Panoramas, Passagem Jouffroy, Passagem Verdeau, os vendedores de miniaturas, cachimbos, jóias em *strass*, selos, os engraxates, as bancas de cachorro-quente. Você lê, um a um, os cartões desbotados, afixados na fachada de um gravador: Doutor Raphael Crubellier, Estomatologista, Diplomado pela Faculdade de Medicina de Paris, somente com hora marcada, Marcel-Emile Burnachs S.A.R.L. Tudo para Tapetes, Sr. e Sr.ª Serge Valène, Rua Lagarde n.º 11, 214 07 35; Reunião dos Amigos e dos Ex-Alunos do Colégio Geoffroy Saint-Hilaire, Cardápio: As delícias do mar sobre camadas de gelo moído, *Foie gras* com caviar, Linguado à *belle meunière*.

Nos jardins do Luxemburgo você observa os aposentados jogadores de bridge, de bisca ou de tarô. Num

banco não muito longe de você, um velho mumificado, imóvel, com os pés juntos, o queixo apoiado na extremidade da bengala que ele agarra com as duas mãos, olha durante horas para o vazio diante de si. Você o admira. Procura-lhe o segredo, a fraqueza. Mas ele parece intocável. Deve ser surdo como uma porta, meio cego e paralítico. Ele nem sequer baba, não move os lábios, mal pisca. O sol gira em torno dele; talvez seu único cuidado consista em seguir a própria sombra; deve ter marcos há muito definidos; sua loucura, se for louco, talvez seja tomar-se por um relógio de sol. Assemelha-se a uma estátua, mas tem sobre ela a vantagem de poder levantar-se e andar, se quiser. Assemelha-se também a um ser humano, apesar da cabeça ser antes a de um pássaro, das calças que lhe sobem até o esterno, da gravata de parnasiano para escola primária, porém tem sobre os outros seres humanos o privilégio de poder permanecer imóvel como uma estátua, durante horas e horas, sem esforços aparentes. Você gostaria de chegar a este ponto, mas talvez seja um dos efeitos de sua extrema juventude, na sua tendência para ser velho — você se enerva muito rápido: contra a sua vontade, seu pé remexe na areia, seus olhos vagueiam, seus dedos cruzam-se e descruzam-se sem cessar.

Você ainda anda ao acaso, perde-se, circunvaga. Propõe-se às vezes destinos ridículos: Daumesnil, Clignancourt, o Bulevar Gouvion Saint-Cyr, o Museu Postal. Entra em livrarias e folheia livros sem lê-los. Entra em galerias de arte e nelas circula, escrupulosamente, detendo-se diante de cada tela, volvendo a cabeça para a direi-

ta, piscando o olho, aproximando-se para ler o título, ou a data, ou o nome do pintor, recuando para ver melhor, Assina, ao sair, com uma grande rubrica ilegível que acompanha um endereço falso.

Você se senta nos fundos de um café, lê o jornal *Le Monde* linha por linha, sistematicamente. É um excelente exercício. Você lê as chamadas da primeira página, "do dia", o boletim do estrangeiro, as manchetes da última página, os classificados: ofertas de emprego, procura de empregos, representações, propostas comerciais, propriedades, patrimônios, terrenos, apartamentos (venda), apartamentos (em construção), apartamentos (compra) imóveis comerciais, locações diversas, fundo de comércio, capitais, associações, cursos e aulas, arrendamentos, automóveis, boxes, animais, oportunidades, diversos; as recepções, os nascimentos, os noivados, os casamentos, a necrologia, os agradecimentos, os leilões no Hotel Drouot, as visitas e conferências, as defesas de teses; as charadas que você resolve quase mentalmente (não se torna católico quando o batizam: vinho; o artigo da morte: a; são inseparáveis quando mexidos: ovos; sua existência precede a essência: Vetiver; se ele é a favor da Marinha talvez seja somente por ser contra: almirante); as previsões meteorológicas; os programas de rádio, de televisão, de teatros e cinemas, as cotações na bolsa; as páginas de turismo, páginas sociais, econômicas, gastronômicas, literárias, esportivas, científicas, dramáticas, universitárias, médicas, femininas, pedagógicas, religiosas, provincianas, aeronáuticas, urbanísticas, marítimas, judiciárias, sindicais; a política mundial,

as notícias do estrangeiro, a política francesa, os assuntos internos, as notícias breves, os grandes estudos que se prolongam por três ou quatro exemplares, os suplementos dedicados a um determinado país, a uma região, a um produto, os anúncios publicitários. Quinhentas, mil notícias passaram sob seus olhos tão escrupulosos e atentos que você até ficou sabendo da tiragem deste número, e certificou-se, mais uma vez, de que fora realizado por operários sindicalizados e controlados pelo BVP e OJD. Mas sua memória tomou o cuidado de nada reter: você leu com a mesma falta de interesse que Pont-à-Mousson estava em baixa, o aço em falta, Nova Iorque sem novidades, que é necessário ter confiança na experiência do mais antigo banco de créditos imobiliários na França e na sua equipe de especialistas, que há três bilhões de prejuízo na Flórida em conseqüência da passagem do tufão Bárbara, que Jean-Paul e Lucas estão orgulhosos por anunciar a vinda ao mundo de sua irmãzinha Lúcia: ler *Le Monde*, é simplesmente perder, ou ganhar uma hora, duas horas; é verificar, mais uma vez, até que ponto tudo lhe é indiferente. É necessário que as hierarquias, as preferências pereçam. Você pode ainda surpreender-se com o porquê da combinação, segundo regras afinal de contas muito simples, de trinta sinais tipográficos ser capaz de criar, cada dia, mensagens aos milhares. Contudo, para que alimentar-se delas, para que decifrá-las? Importa-lhe apenas que o tempo passe e que nada o atinja: seus olhos lêem as linhas, pausadamente, uma após a outra.

Diante do mundo, o indiferente não é nem ignorante nem hostil. Seu propósito não é redescobrir as sãs alegrias do analfabetismo, mas, lendo, não conceder nenhum privilégio às suas leituras. Seu propósito não é andar inteiramente nu, mas estar vestido sem que isto implique necessariamente esmero ou desleixo; seu propósito não é deixar-se morrer de fome, mas somente alimentar-se. Não que você queira realizar tais atos com total inocência, pois inocência e um termo muito forte: somente, simplesmente, se este "simplesmente" puder ter um significado, deixá-los num terreno neutro, evidente, livre de qualquer valor, e não funcional, sobretudo não funcional, pois funcional é o pior dos valores, o mais dissimulado, o mais comprometedor, porém patente, fatual, irredutível; que não haja nada a dizer senão: você lê, está vestido, alimenta-se, dorme, anda, que sejam ações, gestos, porém nada de provas, nada de moeda de câmbio: sua roupa, seu alimento, suas leituras não falarão mais por você e você não tentará mais ludibriá-los. Você não mais lhes confiará a esgotante, a impossível, a mortal tarefa de representá-lo.

Quando você come, agora, no balcão da Petite Source, ou na Bière, ou no Roger la Frite, é um pouco o que os psicofisiologistas chamam de "tomada de alimento": você consome, uma ou duas vezes por dia, raramente mais, um composto estritamente calculável de protídios e de glícidios, sob a forma de um pedaço de carne de boi grelhado, de rodelas de batatas fritas no óleo fervente, de um copo de vinho tinto. Trata-se de um bife, às vezes chamado de *beef-steak*, ou mesmo bisteca, com

certeza não se trata de um turnedô de batatas fritas que ninguém ousaria chamar de batatas-palha, de um copo de vinho tinto cuja marca ninguém sonharia verificar ou mesmo definir a qualidade. Porém seu estômago não faz mais, se é que já fez, diferença, nem tampouco o paladar. A linguagem tem sido mais resistente; foi-lhe necessário algum tempo para que a carne deixasse de ser magra, dura, fibrosa, as fritas gordurosas e moles, o vinho viscoso ou ácido, para que estes qualificativos eminentemente depreciativos, portadores a princípio de significações tristes, lembrando refeições de pobres, alimentação de vagabundos, sopas populares, festas e feiras de subúrbio, perdessem pouco a pouco a substância, e para que a tristeza, a pobreza, a penúria, a necessidade, a vergonha que lhes estavam inexoravelmente ligadas — esta gordura transformada em fritas, esta dureza que virou carne, esta acidez que se fez vinho — deixassem de comovê-lo, de marcá-lo, do mesmo modo que ao contrário deixam de convencê-lo os sinais nobres, exatos opostos daqueles, os sinais da abundância, da fartura, da festa: a espessura malpassada e tenra das "peças" de carne de charolês, postas a serem grelhadas, a melhor parte do filé, dos grossos entrecostos do Halles, a crosta dourada das batatas-palha, os suflês de batata, batatas Dauphine, o vinho da região em seu cesto. Nenhuma energia sagrada, nenhum néctar divino proverá doravante seu prato e seu copo. Nenhuma exclamação acompanha suas refeições. Você come carne e fritas, você bebe vinho. A intransponível distância que separa a costela de boi de Villette do "prato feito" que, quase diariamente, você pede, mal tendo entrado, ao garçom do balcão da Petite Source, não tem mais poder sobre você.

Que o tempo esteja bom, que esteja feio, que a chuva caia ou que o sol brilhe, que o vento sopre em rajadas ou que nenhuma folha se mexa nas árvores, que a aurora apague os lampiões, que o crepúsculo os torne a acender, que você esteja perdido na multidão ou sozinho numa praça deserta, você anda ainda, arrasta-se ainda.

Você inventa périplos complicados, cheios de obstáculos que o obrigam a longos desvios. Vai ver os monumentos. Arrola as igrejas, as estátuas eqüestres, os mictórios públicos, os restaurantes russos. Você vai ver as grandes obras ao longo das margens, perto das portas, as ruas rebentadas, semelhantes a campos cultivados, as canalizações, os edifícios em demolição.

Você volta a seu quarto e se deixa cair no banco demasiado estreito. Dorme com os olhos arregalados como os idiotas. Enumera, organiza as fendas do teto. A conjunção das sombras e das manchas e as variações de con-

ciliação e de orientação do seu olhar produzem sem esforço, lentamente, dezenas de formas que nascem, organizações frágeis que você só percebe por um instante, detendo-as com um nome: vinha, vírus, vila, vilar, visagem, antes que se desloquem e que tudo recomece: o surgimento de um gesto, de um movimento, de uma silhueta, esboço de uma figura vaga que você deixa crescer, acaso que se define: um olho que o fixa, um homem que dorme, um turbilhão, leve oscilação de veleiros, toco de árvores, broto explodido, preservado, reencontrado, de cujo interior emergem, tornando-se precisos, ponto por ponto, vestígios ainda de um rosto, apenas diferente do anterior, mais sombrio talvez, ou mais atento, rosto indeciso em que você procura sem ver as orelhas, os olhos, o pescoço, uma testa, apenas retendo, reencontrando, para logo perdê-los, a impressão de um sorriso ambíguo, a sombra de uma narina que talvez prolongue o traço — infamante ou glorioso, quem sabe? — de uma cicatriz.

Com freqüência, você joga cartas sozinho. Faz a distribuição para o *bridge*, tenta resolver os problemas publicados, semanalmente no jornal *Le Monde*, mas você é um jogador medíocre e a seus lances falta elegância: nenhuma ciência do *squeeze*, dos descartes, das passagens de mãos. Um dia você imaginou uma distribuição excepcional em que um grupo de jogadores tendo apenas duas figuras nas mãos, um ás e um valete, podia conseguir, desafiando qualquer lógica, um grande *chelem*, graças a um belíssimo arranjo de trapaças e delongas; depois, analisado o problema, uma vez constatado que o *chelem* em questão não era nada interessante por não poder ser

descartado e que a jogada não seria ocasião para nenhuma sutileza, você não esperou mais nada do *bridge*.

Você caiu nas alegrias sedutoras das paciências. Expõe no seu banco quatro fileiras de treze cartas, retira os quatro ases. O jogo consiste em pôr em ordem as quarenta e oito cartas que sobram utilizando os espaços liberados pela eliminação dos ases; se um destes for o primeiro de uma fileira, você tem o direito de pôr aí um dois; se suceder a, digamos, um seis, você poderá colocar o sete da mesma cor, se for um sete, poderá vir o oito, se for o oito, virá o nove, se for um valete virá a dama; se o espaço livre vier depois de um rei, você nada poderá colocar e o espaço está perdido.

A sorte nada representa nesta paciência. Você pode prever com muita antecedência o momento em que os quatro espaços livres chegariam aos reis, logo ao fracasso, se você seguir a ordem; mas você pode justamente fazer uso de um dos espaços, depois de outro, retornar a este, pegar o terceiro, o quarto, o segundo de novo. É pouco provável, contudo, que você tenha êxito: chega sempre um momento em que o jogo se bloqueia, quando, a metade ou a terça parte das cartas já estando classificada, você não pode mais preencher os espaços sem invariavelmente descobrir um rei. Você tem direito, em princípio, a duas outras tentativas: basta deixar no lugar as cartas já classificadas e redistribuir as outras após tê-las baralhado, reservando quatro intervalos. Mas é raro você utilizar estas duas oportunidades oferecidas; mal o jogo lhe pareça comprometido você recolhe todas as cartas, baralhando-as duas ou três vezes, distribuindo-as mais uma vez para uma nova tentativa.

Você baralha as cartas, as arruma, retira os quatro

ases, examina o jogo. Começa meio ao acaso, atento apenas em não descobrir logo um rei. Pouco a pouco o jogo se organiza, embaraços surgem, possibilidades fazem-se presentes: aqui uma carta já está no devido lugar, ali o movimento de uma única carta permitirá organizar de uma só vez cinco, seis cartas, acolá um rei que o incomoda não poderá mais ser movido.

Você quase nunca sai vitorioso. Trapaceia às vezes, um pouco, raramente, cada vez mais raramente. Não é a vitória que lhe importa, pois o que significaria a vitória, se se trata apenas de ter consigo os deuses, há tantos modos mais fáceis de lhes conseguir a indulgência. Mas você joga cada vez mais freqüentemente, cada vez mais tempo, às vezes durante toda a tarde, ou mesmo logo ao despertar, ou até a madrugada, e nem mesmo, nem mesmo para matar o tempo.

Existe nesse jogo algo que o fascina, mais ainda, talvez, do que os jogos da água junto às pontes, do que os labirintos dos tetos, do que os raminhos apenas opacos que desgarram-se lentamente na superfície de sua córnea. Conforme o lugar, conforme o instante, cada carta adquire uma densidade quase comovente. Você protege, destrói, constrói, combina, traça plano sobre plano: exercício para nada, perigo que nada sanciona, organização irrisória: quarenta e oito cartas o acorrentam em seu quarto e você fica quase feliz quando um dez está no devido lugar, quando um rei não pode erguer-se contra você, ou quase infeliz quando os seus lentos cálculos tendem todos para o mesmo impossível resultado. É como se essa estratégia solitária e muda constituísse seu único caminho, ou tivesse se tornado a sua razão de ser.

É noite. Poucos carros passam como furacão. A gota d'água pinga na torneira do patamar. Seu vizinho está silencioso, ausente talvez ou já morto. Você está deitado, inteiramente vestido, no banco, com as mãos cruzadas atrás da nuca, joelhos elevados. Fecha os olhos, abre-os. Formas viróticas, microbianas, no interior do seu olho ou na superfície da córnea, deslizam lentamente de alto a baixo, desaparecem, retornam de súbito ao centro, quase iguais, discos ou bolhas, hastes, filamentos tortos, cujo conjunto desenha uma espécie de animal meio fabuloso. Você perde o traço, reencontra-o; esfrega os olhos e os filamentos explodem, multiplicam-se.

O tempo passa, você dormita. Coloca o livro aberto a seu lado, sobre o banco. Tudo é vago, tudo zumbe. Sua respiração está surpreendentemente regular. Um bichinho negro com certeza irreal abre uma fenda insuspeita no labirinto das fissuras do teto.

Você vagueia pelas ruas, noite, dia. Entra nos cinemas de bairro onde paira o cheiro insistente dos desinfetantes, come sanduíches nos balcões, fritas em cartuchos de papel, atravessa as feiras populares, joga bilhar eletrônico, vai aos museus, aos mercados, às estações, às bibliotecas de leitura pública, olha as vitrinas dos antiquários da Rua Jacob, dos vidreiros da Rua Paradis, dos comerciantes de móveis do subúrbio de Saint-Antoine.

Ao longo das horas, dos dias, das semanas, das estações, você se desprende de tudo, desliga-se de tudo. Descobre, às vezes, quase com uma espécie de embriaguez, que você é livre, que nada lhe pesa, nada lhe agrada nem desagrada. Encontra-se, nesta vida, sem usura e sem outro estremecimento além dos instantes suspensos provocados pelas cartas ou certos ruídos, certos espetáculos que você concede a si mesmo, uma felicidade quase perfeita, fascinante, às vezes cheia de emoções novas. Você experimenta um repouso total, é constantemente poupado, protegido. Vive numa bem-aventurada digressão, num vazio cheio de promessas e do qual você nada espera. Você é invisível, límpido, transparente. Você não existe mais: a sucessão das horas, dos dias, a mudança de estações, o escoamento do tempo, você sobrevive, sem alegria e sem tristeza, sem futuro e sem passado, assim, simplesmente, evidentemente, como uma gota d'água que pinga na torneira de um patamar, como seis pés de meia de molho numa bacia de matéria plástica rosa, como uma mosca ou como uma ostra, como

uma vaca, como um caracol, como uma criança ou como
um velho, como um rato.

Às vezes, a escuridão desenha de início a forma imprecisa de um ás de espadas: há diante de você um ponto de onde saem duas linhas que se afastam e voltam em sua direção após uma longa curva.

Mais tarde, é um oceano, um mar negro no qual você navega, como se o seu nariz fosse o bordo, ou melhor, a roda de proa de um gigantesco navio. Tudo está sombrio. Não é noite, não está escuro, é o mundo inteiro que está negro, naturalmente negro, como no negativo de uma fotografia, e são brancas apenas, ou talvez cinzentas, as ondas que a sua passagem provoca em ambos os lados de seu nariz, ao longo de seus olhos que talvez sejam o costado do navio, ali, onde, outrora, inscrevia-se o às de espadas, como se ele tivesse sido apenas o prelúdio dessa esteira, sulco esbranquiçado e ondulante que você abre à sua frente deslizando na água negra. A água cerca-o por todos os lados, mar negro, imóvel, extraordinariamente liso, nem mesmo fosforescente, e no en-

tanto, você tem a impressão de que poderia descobrir cada detalhe, a menor nuvem se houvesse um céu, a menor porção de terra se houvesse um horizonte. Porém nada mais há além do mar, e você é inteiramente roda de proa abrindo sem esforço, sem ruído, sem vibração, os sulcos brancos e profundos de sua passagem, como uma relha de arado revolvendo uma lavoura.

Logo, no entanto, em algum lugar acima, como num cartão artístico, como se uma tela surgisse e um negativo de filme cinematográfico estivesse nela projetado, há o mesmo navio, mas agora visto de cima, por inteiro, e você está, você, na coberta do navio, apoiado à amurada, ou mesmo no rebordo, numa pose bastante romântica. Durante muito tempo, a impressão de duplo mantém-se absolutamente precisa, e até mesmo, se alguma coisa o irrita, o atormenta, é porque você não consegue mais saber se você é em primeiro lugar roda de proa sozinha deslizando no mar negro e levantando ondas brancas e em seguida, quase ao mesmo tempo, algo como a consciência de ser essa roda de proa, isto é, acima, o navio inteiro do qual você é o passageiro imóvel apoiado à amurada numa pose meio romântica, ou antes, pelo contrário, há o navio inteiro deslizando no mar negro, com você, único passageiro, apoiado ao passadiço, depois, excessivamente aumentado, um detalhe único desse navio, a roda de proa, abrindo as ondas, soerguendo de cada lado duas vagas brancas, espessas, mas talvez por demais bem desenhadas para serem verdadeiramente ondas, são mais dobras, pregas, com alguma coisa de majestoso, de moderado.

Por muito tempo, os dois navios, a parte e o todo, seu nariz roda de proa e seu corpo paquete navegam jun-

tos sem que nada lhe permita dissociá-los: você é ao mesmo tempo roda de proa e navio e você no navio. Depois, nasce a primeira contradição, mas talvez seja apenas uma ilusão de ótica atribuível à diferença das escalas, das perspectivas: parece-lhe que o navio segue lentamente, cada vez mais lentamente, talvez mais ou menos como se você o visse com um recuo cada vez maior, cada vez mais alto, mas no entanto, você, apoiado à amurada, não diminui em absoluto, permanece sempre visível, e que a roda de proa, esta, vai cada vez mais depressa, não desliza mais, safa-se na água negra, como uma vedeta, ou mesmo como uma lancha de motor de popa, e não mais como um navio de linha.

Então, e isso já é muito mais grave, como se você soubesse, por experiência talvez, que aquilo que começa a formar-se é o princípio do fim, porque nunca poderá suportar além de alguns instantes, além de alguns segundos, a intensidade do que se manifesta, embora nada ainda tenha-se revelado, a não ser, talvez, no máximo, um sinal premonitório, um indício cujo sentido nem mesmo estivesse certo e cujos esclarecimentos você aguarda agora com a esperança vã de que tudo permanecerá suave o mais longo tempo possível, porque, você já sabe, o despertar espreita-o, é exatamente a sua impaciência que acaba de acioná-lo e todos os seus esforços para atrasá-lo só fazem com que se apresse ainda mais, então surge como sempre, não muito lentamente, uma impressão ao mesmo tempo excitante e penosa, maravilhosa e desesperadora, já precisa demais, lancinante e quase dolorosa: a certeza absurda, ou melhor, não ainda inteiramente absurda, mas desde então seguramente destinada ao absurdo, de que você já viveu esta cena, de

que é uma lembrança real, exata em todos os detalhes: o mar era negro, o navio avançava lentamente no estreito canal formando de cada lado vagas de espuma branca, você estava apoiado à escada de acesso ao convés do navio na pose meio romântica comum a todos os passageiros de todos os navios quando tomam ar observando as gaivotas, você experimentava exatamente a mesma sensação de agora, e no entanto você não experimenta agora sensação alguma, exceto aquela, perigosa, cada vez mais perigosa, de reconhecer ao mesmo tempo a impossibilidade e a irredutibilidade de tal recordação.

Mais tarde, muito mais tarde, você talvez tenha acordado várias vezes, tenha tornado a adormecer várias vezes, tenha virado para o lado direito, para o lado esquerdo, de costas, de bruços, talvez tenha até mesmo acendido a luz, fumado um cigarro, mais tarde, muito mais tarde, o sono torna-se um alvo, ou melhor não, ao contrário, você se torna o alvo do sono. É um foco irradiante, intermitente. Diante de você, ou, mais precisamente, diante de seus olhos, às vezes mais à esquerda, às vezes mais à direita, nunca ao centro, miríades de pontinhos brancos organizam-se, desenhando, por fim, algo felino, uma cabeça de pantera vista de perfil, que avança, que cresce mostrando duas presas aguçadas, depois desaparece, dando lugar a um ponto luminoso que se avoluma, torna-se losango, estrela, e cai sobre você, rápido, evitando-o no último momento ao passar para a sua direita. O fenômeno reproduz-se várias vezes, regularmente: nada a princípio, posteriormente pontos apenas luminosos, uma cabeça de pantera que se pro-

jeta, e se define, cresce rugindo, expondo duas presas aguçadas, depois um ponto cintilante, quase deslumbrante, que infla, losango, estrela, em seguida bola de luz que vem em cima de você, evita-o por pouco, passando tão perto de você, levando-o quase a acreditar tê-la tocado, tê-la sentido, tê-la ouvido, depois nada de novo, por muito tempo, pontos brancos, a cabeça da pantera, a estrela que cresce e passa rente a você.

Depois o nada, por muito tempo, ou ainda, mais tarde, às vezes, em alguma parte, alguma coisa como um astro branco que explode…

Com o tempo, sua indiferença torna-se fabulosa. Seus olhos perderam qualquer fonte de brilho, sua silhueta tornou-se completamente alquebrada. Uma serenidade sem lassidão, sem amargura, inscreve-se no canto de seus lábios. Você desliza pelas ruas, intocável, protegido pelo uso ponderado de suas roupas, pela neutralidade de seus passos. Só lhe restam os gestos aprendidos. Só pronuncia palavras necessárias. Você pede:

— um café,
— uma entrada de cinema,
— um prato feito e um vinho tinto,
— um chope,
— uma escova de dentes,
— um caderninho de notas.

Você paga, recebe, toma lugar, consome. Apanha o jornal *Le Monde* de cima da pilha e deposita duas moedas de vinte centavos na caixa do vendedor. Nunca diz por favor, bom dia, obrigado, até logo. Não se desculpa. Não pede informações.

Vagueia, vagueia, vagueia. Caminha. Todos os instantes têm o mesmo valor, todos os espaços se parecem. Você nunca está apressado, nunca está perdido. Não verifica as horas nos relógios. Não tem sono. Não tem fome. Nunca boceja. Nunca ri às gargalhadas.

Você nem mesmo devaneia, já que só podem fazê-lo aqueles que roubam o tempo para isto, os preciosos minutos que roubam dos seus horários. De início, você escolhia os itinerários, propunha-se objetivos, imaginava périplos complicados que seguiam contra sua vontade os caminhos das viagens de Ulisses. Você fez, depois de tantas outras, uma peregrinação a Saint Julien le Pauvre, circulou nas proximidades da entrada das catacumbas, plantou-se debaixo da Torre Eiffel, subiu até o alto de alguns monumentos, atravessou todas as pontes, percorreu todas as margens, visitou todos os museus, Guimet, Cernuschi, Carnavalet, Bourdelle, Delacroix, Nissim de Camondo, o Palácio de la Découverte, o Aquarium du Trocadéro, viu as rosas de Bagatelle, Montmartre à noite, os Halles ao amanhecer, a estação de Saint-Lazare no final de expediente, a Concorde ao meio-dia de 15 de agosto. Mas por tratar-se de um objetivo turístico, cultural, ou então enganador, estúpido ou mesmo provocante (a Rua de la Pompe, a Rua des Saussaies, a Praça Beauvau, o Cais des Orfèvres), este não deixava de ser um objetivo, isto é, uma tensão, uma vontade, uma emoção. Seu turismo, mesmo desiludido e ridículo, não obstante a lembrança longínqua dos surrealistas, permanecia sendo motivo de atenção, emprego de tempo, medida de espaço.

Do mesmo modo que você não escolhe mais seus filmes, entrando indiferentemente no primeiro cinema que

encontra por volta das oito, nove ou dez horas da noite, estando na sala obscura como a sombra de um espectador, a sombra de uma sombra olhando fazerem-se e desfazerem-se no retângulo oblongo variadas combinações de sombras e de luzes esboçando ininterruptamente a mesma aventura: música, encantamento, espera; do mesmo modo que você não escolhe mais suas refeições, não mais se empenha em variá-las, em ir até o final das trezentas combinações que proporcionam no balcão da Petite Source as cinco moedas de um franco, o terço de seu pecúlio diário, no fundo de seu bolso; do mesmo modo que você não escolhe mais as suas horas de sono, nem suas leituras, nem suas roupas…

Você se abandona à indolência, deixa-se arrastar: basta que a multidão suba ou desça os Champs-Elysées, basta que um dorso cinzento que o precede em alguns metros dobre numa rua sombria; ou então uma luz ou ausência de luz, um ruído ou ausência de ruído, um muro, um grupo, uma árvore, água, um pórtico, grades, cartazes, paralelepípedos, uma passagem para pedestres, uma fachada, um semáforo, uma placa de rua, o fumo de rolo, o balcão de um retroseiro, uma escadaria, uma praça circular…

Você caminha ou não caminha. Dorme ou não dorme. Desce os seus seis andares, torna a subi-los. Compra o jornal *Le Monde* ou não o compra. Alimenta-se ou não se alimenta. Senta-se, deita-se, fica de pé, penetra na sala escura de um cinema. Acende um cigarro.

Atravessa a rua, atravessa o rio Sena, pára, segue. Joga bilhar eletrônico ou não joga.

Às vezes, você fica três, quatro, cinco dias em seu quarto, você não sabe. Dorme quase sem parar, lava suas meias, suas duas camisas. Relê um romance policial que você já leu vinte vezes, esqueceu vinte vezes. Faz as palavras cruzadas de um velho exemplar esquecido do *Le Monde*. Você arruma sobre o banco quatro fileiras de treze cartas, retira os ases, coloca o sete de copas depois do seis de copas, o oito de paus depois do sete de paus, o dois de espadas no seu devido lugar, o rei de espadas depois da dama de espadas, o valete de copas depois do dez de copas.

Você come geléia no pão, enquanto você tem pão, depois em torradas, se você as tem, depois na colherinha, no pote.

Você se deita no banco estreito, mãos cruzadas atrás da nuca, joelhos elevados. Fecha os olhos, abre-os. Filamentos tortuosos correm lentamente de alto a baixo na superfície de sua córnea.

Você enumera e organiza as fendas, as lascas, as falhas do teto. Observa seu rosto no espelho trincado.

Você não fala sozinho, ainda não. Não grita, sobretudo não grita.

A indiferença não tem começo nem fim: é um estado inalterável, um peso, uma inércia que nada saberia abalar. Mensagens do mundo exterior chegam ainda talvez até os seus centros nervosos, porém nenhuma resposta global, que poria em jogo a totalidade do organismo, parece poder elaborar-se. Apenas perduram reflexos elementares: você não atravessa quando o sinal está vermelho, protege-se contra o vento para acender o cigarro, agasalha-se mais nas manhãs de inverno, troca de suéter, de meias, de cuecas e de camiseta mais ou menos uma vez por semana e os lençóis um pouco menos que duas vezes por mês.

A indiferença anula a linguagem, confunde os sinais. Você é paciente, e não espera, é livre e não escolhe, é disponível e nada o mobiliza. Você nada pede, nada exige, nada impõe. Ouve sem nunca escutar, vê sem nunca olhar: as fendas dos tetos, as ripas dos assoalhos, o desenho dos ladrilhos, as rugas em torno dos seus olhos, as árvores, a água, as pedras, os carros que passam, as nuvens que desenham no céu formas de nuvens.

Agora, você vive no inesgotável. Cada dia é feito de silêncios e de rumores, de luzes e de trevas, de morosidades, de esperas, de estremecimentos. Trata-se apenas de perder-se, mais uma vez, para sempre, cada vez mais, de vagar infinitamente, de pegar no sono, uma espécie de sossego do corpo: abandono, lassidão, entorpecimento, apatia. Você se omite, deixa-se arruinar, debilitar: procurar o vazio, evitá-lo, andar, parar, sentar-se, sentar-se à mesa, apoiar-se, deitar-se.

Gestos de autômato: levantar-se, lavar-se, barbear-se, vestir-se. Rolha na água: ir à deriva, acompanhar as turbas, arrastar-se: o verão no silêncio espesso, postigos fechados, ruas mortas, asfalto pegajoso, verde quase negro das folhas imóveis; o inverno na luz fria das fachadas, dos lampiões, vapor condensado nas portas dos cafés, tocos negros das árvores mortas.

Você entra em cafés miseráveis, tabernas, botequins (Vinhos e Carvões sem vida), recendendo a vinagre e a imundície. Você caminha por ruelas gordurentas ao longo de paliçadas maculadas por cartazes em pedaços, em direção a Charles Michels ou Château-Landon. Senta-se nos bancos das praças e dos jardins, como um aposentado, como um velho, porém você só tem vinte e cinco anos. Vai esperar nas recepções dos hotéis, sentado num sofá de falso couro, observa as pessoas irem e virem, lê os prospectos, os catálogos, os cartazes, os informativos, Paris à noite, Cruzeiro à Índia, as revistas espalhadas, *l'Echo de l'Hôtellerie française*, a *Revue du Touring Club de France*; você vai ler os jornais afixados nos quadros de anúncios em frente às tipografias ou às redações: *le Monde, le Figaro, le Capital, la Vie française*. Você vagueia pelas bibliotecas municipais, preenche uma ficha, lê livros de história, obras eruditas, memórias de homens de Estado, de alpinistas, de padres.

Você caminha ao longo das calçadas, examina as sarjetas, o espaço mais ou menos amplo que separa os carros estacionados da borda da calçada. Aí você encontra bolas de gude, molinhas, argolas, moedas, luvas algumas vezes, um dia uma carteira, com um pouco de dinheiro, documentos, cartas, fotografias que por pouco não lhe arrancam lágrimas dos olhos.

Você observa os jogadores de cartas nos jardins do Luxemburgo, as grandes águas do Palácio de Chaillot, vai ao Louvre aos domingos, atravessa sem se deter todas as salas, detendo-se afinal junto de um único quadro ou de um único objeto: o retrato incrivelmente enérgico de um homem da Renascença, com uma minúscula cicatriz acima do lábio superior, à esquerda, isto é à esquerda em relação a ele, à direita em relação a você, ou então uma pedra gravada, uma pequenina colher egípcia diante da qual você se detém por uma hora, duas horas antes de ir-se sem olhar para trás.

Caminhada incessante, infatigável. Você anda como um homem que levaria malas invisíveis, você anda como um homem que seguiria a própria sombra. Andar de cego, de sonâmbulo, avança com passo mecânico, interminavelmente, até esquecer que anda.

Errante minucioso, noctâmbulo perfeito, ectoplasma que um lençol flutuante faria sem razão passar por um fantasma que não assustaria nem mesmo as criancinhas.

Caminhante infatigável, você atravessa Paris de ponta a ponta, todas as noites, emergindo do buraco escuro do seu quarto, as escadarias putrefeitas, do pátio silencioso; além das grandes zonas de luz e barulho: a Ópera, os Bulevares, os Champs-Elysées, Saint-Germain, Montparnasse, você se atira para os lados da cidade morta, para Péreire ou Saint-Antoine, para a Rua de Longchamp, o Bulevar do Hospital, a Rua Oberkampf, a Rua Vercingétorix.

Cafés abertos a noite toda. Você permanece de pé,

quase imóvel, um cotovelo apoiado no balcão de vidro, grossa chapa translúcida de beiradas arredondadas fixadas por cavilhas de cobre ao concreto da base, meio voltado para um bilhar elétrico sobre o qual se aferrenham três marinheiros. Você bebe vinho tinto ou café de cafeteira.

Vida sem surpresa. Você está amparado. Dorme, come, anda, continua vivendo como um rato de laboratório que um pesquisador despreocupado tivesse esquecido no seu labirinto e que dia e noite, sem nunca se enganar, sem nunca hesitar, tomasse o caminho de sua manjedoura, virasse à esquerda, depois à direita, pressionasse duas vezes um pedal com círculos vermelhos para receber sua ração em forma de mingau.

Nenhuma hierarquia, nenhuma preferência. Sua indiferença é estacionária: homem sombrio para quem a cor cinzenta não evoca nenhum grisado. Não insensível, mas neutro. A água o seduz tanto quanto a pedra, a escuridão quanto a claridade, o calor quanto o frio. Só existem o seu andar, e seu olhar, que se fixa e desliza, ignorando o belo, o feio, o familiar, o surpreendente, retendo apenas combinações de formas e de luzes que se fazem e se desfazem, sem cessar, por toda parte, no seu olho, nos tetos, a seus pés, no céu, no espelho trincado, na água, na pedra, nas multidões. Praças, avenidas, jardins e bulevares, árvores e grades, homens e mulheres, crianças e cães, esperas, turbas, veículos e vitrinas, construções, fachadas, colunas, capitéis, calçadas, sarjetas, paralelepípedos luzindo sob a chuva fina, cinzentos, ou quase vermelhos, ou quase brancos, ou quase negros, ou

quase azuis, silêncios, clamores, algazarras, multidões das estações, das lojas, dos bulevares, ruas negras de gente, cais negros de gente, ruas desertas dos domingos de agosto, manhãs, tardes, noites, auroras e crepúsculos.

Agora você é o dono anônimo do mundo, aquele sobre o qual a história não tem mais influência, aquele que não sente mais a chuva cair, que não vê mais a noite chegar.

Você só conhece a sua evidência: sua vida que continua, sua respiração, seu passo, seu envelhecimento. Você vê as pessoas irem e virem, as multidões e as coisas fazerem-se e desfazerem-se. Vê, na vitrina minúscula de um armarinho, um trilho para cortina no qual seus olhos de súbito se fixam: você segue seu caminho: você é inacessível.

O encontro do seu olho com o travesseiro dá origem a uma montanha, uma ladeira bastante mansa, um quarto, ou melhor, um arco de circunferência que se destaca em primeiro plano, mais sombrio do que o restante do espaço. Essa montanha não é extraordinária; é normal. Por enquanto, a sua mente está ocupada com uma tarefa que você teria que cumprir, mas que não consegue definir exatamente; parece se tratar de uma tarefa pouco importante em si e que, talvez, seja somente o pretexto, a oportunidade de verificar se você conhece o código; você supõe, por exemplo, e isso logo se verifica, que a tarefa consiste em trazer seu polegar, ou então a mão toda, para cima do travesseiro: mas será você a fazê-lo? Sua posição na hierarquia, seus anos de serviço não o dispensariam dessa maçada? Esta questão é evidentemente muito mais importante do que a tarefa em si, e você de nada dispõe para resolvê-la, você não acreditava que, tanto tempo depois, tivesse ainda que apresentar tais justificativas. Aliás, pensando bem, você percebe que o problema é

ainda mais complicado: não se trata de saber se você deve ou não redirecionar seu polegar de acordo com a função que você exerce, a sua posição, os seus anos de serviço, seria mais o seguinte: de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde, será necessário que você o traga, por cima se tiver tempo de serviço suficiente, por baixo se não tiver, e naturalmente você não tem a menor idéia sobre esse tempo, que lhe parece considerável, porém talvez não o bastânte. Quem sabe o momento escolhido para questioná-lo tenha sido exatamente aquele em que ninguém poderia afirmar sem riscos, nem mesmo o mais íntegro dos juízes, se você tem ou não tem tempo de serviço suficiente?

A pergunta poderia ser feita também em relação a seus pés ou suas coxas. Mas ela não quer dizer nada: o verdadeiro problema é aquele dos contatos. Há dois tipos de contatos, a princípio: o de seu corpo com os lençóis, no que se refere à sua coxa esquerda, a seu pé direito, a seu antebraço direito, a uma parte de seu ventre, e que é fusão, osmose, diluição; e o de seu corpo com ele mesmo, ali onde sua carne encontra sua carne, ali onde o pé esquerdo passa por cima do pé direito, ali onde os joelhos se tocam, ali onde o cotovelo defronta com o estômago: estes são pontiagudos, quentes ou frios, ou quentes e frios. É evidente que se pode, quase sem riscos, inverter toda a operação e afirmar o contrário, o pé esquerdo sob o pé direito, a coxa direita sob a coxa esquerda.

O mais evidente, em tudo isso, é que você não está deitado, nem do lado direito, nem do lado esquerdo,

com as pernas ligeiramente dobradas, os braços estreitando o travesseiro, mas que você está suspenso de cabeça para baixo, como morcego em hibernação, ou antes, como uma pêra demasiado madura numa pereira: significa dizer que a qualquer momento você pode cair, o que aliás não lhe parece muito constrangedor, estando sua cabeça bem protegida pelo travesseiro, porém, é dever seu escapar desse perigo, por menor que seja. Contudo, se você examinar os meios conhecidos, não tardará a convencer-se de que a situação é mais grave do que pensara anteriormente, quanto mais não seja porque a perda da horizontalidade dificilmente é propícia ao sono. É necessário portanto que você decida cair, embora pressinta que não será muito agradável, nunca se sabe quando se vai parar de cair, mas sobretudo, você não sabe como fazer para cair, sua queda só se iniciará quando você deixar de pensar nela, e como poderia não pensar nela já que é exatamente nela que você pensa? Esta é uma coisa que jamais alguém encarou seriamente e que no entanto tem a sua importância: deveriam existir textos a este respeito, textos sérios, que permitiriam enfrentar situações como estas, tão mais freqüentes do que geralmente se imagina.

Os três quartos de seu corpo estão refugiados na sua cabeça; seu coração instalou-se na sobrancelha, onde está perfeitamente aclimatado, onde bate como coisa viva, talvez, no máximo, com um pouquinho de precipitação. É necessário que você invoque o seu corpo, que verifique a integridade dos membros, dos órgãos, das vísceras, das mucosas. Você gostaria muito de expulsar de sua cabeça todas as partes que a entulham e a tornam

pesada, e ao mesmo tempo, você se felicita por ter salvo o máximo, pois todo o resto está perdido, você não tem mais pés, mãos, a barriga da perna está completamente liquefeita.

Tudo isso é cada vez mais complicado: seria necessário em primeiro lugar retirar o cotovelo, e no espaço então liberado você poderia colocar pelo menos uma parte de seu ventre, e assim por diante, até que você esteja mais ou menos reconstituído. Mas é horrivelmente difícil: há partes que faltam, e outras que estão em dobro, outras cresceram com exagero, outras emitem pretensões territoriais absolutamente loucas: seu cotovelo é mais cotovelo do que nunca, você havia se esquecido a que ponto podia-se ser cotovelo, uma unha ocupou o lugar de sua mão. E naturalmente, é sempre esse momento que os carrascos escolhem para intervir. Um deles introduz-lhe na boca uma esponja cheia de giz, outro enche suas orelhas de algodão; alguns serradores de pranchas instalaram-se nos seus seios nasais, um piromaníaco incendeia o seu estômago, alfaiates sádicos comprimem-lhe os pés, metem-lhe um chapéu demasiado pequeno, sufocam-no em um casaco apertado demais, estrangulam-no com uma gravata; um limpa-chaminés e seu comparsa introduziram um cabo na sua traquéia e, apesar de louváveis esforços, não conseguem retirá-lo.

Eles vêm sempre. Você os conhece bem. Você está quase sereno. Se estão presentes, é porque o sono não está muito longe. Eles vão fazê-lo sofrer um pouco, depois cansar-se-ão e o deixarão em paz. Eles o machucam, claro, mas você tem para com a dor, tanto quanto com

qualquer das sensações que você conhece, todos os pensamentos que lhe ocorrem, todas as impressões que você experimenta, um desprendimento total. Você se vê sem admiração estar admirado, sem surpresa estar surpreso, sem dor ser assaltado pelos carrascos. Espera que se acalmem. Cede-lhes de bom grado todos os órgãos que querem. Você os vê de longe disputarem seu ventre, seu nariz, sua garganta, seus pés.

Mas freqüentemente, muito freqüentemente, aí está a última armadilha. Então surge o pior. Cresce lentamente, imperceptivelmente. De início tudo está calmo, calmo demais, normal, normal demais. Tudo parece estar imóvel para sempre. Porém logo você reconhece, começa a reconhecer, com uma certeza cada vez mais implacável, que você perdeu seu corpo, ou melhor não, você o vê, próximo, porém jamais o alcançará.

Você é apenas um olho. Um olho imenso e fixo, que tudo vê, tanto seu corpo estendido, quanto você, observado observando, como se ele estivesse revirado na órbita e que o contemplasse sem nada dizer, você, o seu interior negro, vazio, esverdeado, assustado, impotente de si. Ele o fita e crava. Você jamais deixará de se ver. Nada pode fazer, não pode fugir, fugir de seu olhar, nunca poderá: mesmo se você conseguisse adormecer tão profundamente que nenhuma sacudidela, nenhum chamado, nenhuma queimadura fosse capaz de despertá-lo, haveria ainda esse olho, seu olho, que nunca se fechará, nunca adormecerá. Você se vê, vê-se ver-se, você se observa observar-se. Mesmo que acordasse, sua visão permaneceria idêntica, imutável. Mesmo se conseguisse

acrescentar-se milhares, milhões de pálpebras, haveria ainda, por trás, esse olho para vê-lo. Você não dorme, mas o sono não virá mesmo. Você não está acordado e não acordará nunca. Não está morto e nem a morte seria capaz de libertá-lo...

Livre como uma vaca, como uma ostra, como um rato!

Mas os ratos não perseguem o sono durante horas. Mas os ratos não acordam bruscamente, em pânico, banhados em suor. Mas os ratos não sonham e o que pode você fazer contra os seus sonhos?

Mas os ratos não roem as unhas, sobretudo metodicamente, durante horas inteiras, até que a extremidade de suas garras não passe de uma só ferida. Você extirpa a substância córnea até a metade da unha, ferindo a parte em que ela se prende à carne; dilacera as películas mortas em quase todo o comprimento da falangeta até que o sangue comece a gotejar, até que seus dedos lhe doam tanto, que por horas a fio, o menor contato lhe seja tão insuportável a ponto de você nada conseguir segurar e deva banhar as mãos em água fervida.

Que você saiba, os ratos não jogam bilhar elétrico. Você gruda nos aparelhos, durante horas, durante noites, furiosamente, febrilmente. Você arfa, encostado à máquina, acompanhando com fortes trancos a bola de aço que bate e volta. Você persegue obstinadamente as molas, as luzes, os números, as passagens.

Mulheres pintadas com olhos luminosos, leques que abaixam. Você não pode lutar contra uma máquina. Você pode jogar ou não. Você não pode dialogar, nem fazê-la dizer o que ela não saberia dizer. Por mais que você se encoste à máquina, arqueje, o *tilt* mantém-se insensível à amizade que você sente, ao amor que você procura, ao desejo que o dilacera. Seis mil pontos, quando mil e quatrocentos bastam, o levarão apenas a mortificar-se mais, a derrotar-se ainda mais.

Você anda remanchando pelas ruas, entra num cinema; remancha pelas ruas, entra num café; remancha pelas ruas, olha o rio Sena, os açougues, os trens, os cartazes, as pessoas. Remancha pelas ruas, entra num cinema onde assiste a um filme parecido àquele que você acaba de ver, a mesma história mística contada por um senhor inteligente demais, história cheia de encanto e de música, depois vem o intervalo, filmes publicitários já vistos vinte vezes, cem vezes, noticiários já vistos dez vezes, vinte vezes, um documentário sobre as sardinhas, ou sobre o sol, sobre o Havaí ou sobre a Biblioteca Nacional, o anúncio de um filme que você já viu e que verá ainda, o filme que você acabou de ver e que recomeça

mais uma vez, com a apresentação fragmentada dos colaboradores, a praia de Etretat, o mar, as gaivotas, as crianças que brincam na areia.

Você sai, vagueia pelas ruas excessivamente iluminadas. Volta para o quarto, tira a roupa, escorrega entre os lençóis, apaga a luz, fecha os olhos. É a hora em que mulheres de sonhos rapidamente despidas circundam-no, é a hora em que você se embrutece com livros cem vezes lidos, em que você vira e revira cem vezes sem pegar no sono. É a hora em que, com os olhos arregalados na escuridão, sua mão tateando ao pé do banco estreito à procura de um cinzeiro, de fósforos, de um último cigarro, você avalia a dimensão do seu infortúnio.

Atualmente você se levanta durante a noite. Anda sem destino pelas ruas, vai empoleirar-se nos tamboretes dos bares, no Rosebud, no Harry's, ou sentar-se no Franco-Suisse, na Rua Saint-Honoré, quase em frente ao seu quarto, ou sentar-se à mesa de um café dos Halles, e ali permanece durante horas, até o fim, diante de uma cerveja ou de um cafezinho ou de um copo de vinho tinto. Observa os outros irem e virem, os empregados de açougues, os floristas, os vendedores de jornais, os bandos de gaiatos, os bêbados solitários, as meretrizes.

Você está só e sem destino. Anda pelas avenidas devastadas, seguindo as árvores definhadas, as fachadas nuas, os pórticos escuros. Segue na feiúra sem fim dos Batignolles, de Pantin. Não encontra nada além das fontes Wallace há muito esgotadas, das igrejas limosas, dos canteiros de obras arrombados, dos muros decorados. Os jardins das praças públicas cujas grades o aprisio-

nam, as águas estagnadas perto dos bueiros, as portas enormes das fábricas. Sob as passarelas metálicas do bairro de l'Europe, locomotivas a vapor lançam baforadas de fumaça branca. Bulevar Barbés, Praça Clichy, multidões impacientes erguem os olhos para o céu.

Você não romperá o círculo encantado da solidão. Está só e não conhece ninguém; não conhece ninguém e está só. Você vê os outros se reunirem, aproximarem-se, protegerem-se, abraçarem-se. Mas você, com olhar mortiço, nada mais é do que um fantasma transparente, leproso da cor de muralha, silhueta já transformada em pó, lugar ocupado do qual ninguém se aproxima. Você se esforça na expectativa de encontros improváveis. Porém não é por sua causa que o couro, o cobre, a madeira se põem a luzir, que as luzes se tamisam, que os ruídos se amortecem. Você está só apesar das fumaças que se tornam densas, apesar de Lester Young ou de Coltrane, sozinho no calor envolvente dos bares, nas ruas vazias onde seus passos ressoam, na cumplicidade mal despertada das únicas tabernas que permaneceram abertas.

Há inimigos com os quais se defrontará uma única vez, o tempo suficiente para conhecer, reconhecer o frio sibilo das serpentes aterrorizantes, para recuar a tempo, transido de solidão e de impaciência, perdido, traído pelo olhar, pela percepção cada vez mais aguda e cada vez mais inútil dos mínimos detalhes: um cacho de cabelos, a sombra de um copo, o esboço trêmulo de um cigarro abandonado, o último movimento de uma porta basculante que se fecha. Nada lhe escapa, porém você nada pode discernir, a não ser muito tarde, sempre tarde demais, as sombras, os reflexos, as falhas, as fugas, os sorrisos, os bocejos, a fadiga ou o abandono.

O infortúnio não desabou sobre você, não apanhou-o de surpresa; infiltrou-se lentamente, inseriu-se quase suavemente. Minuciosamente impregnou sua vida, seus gestos, suas horas, seu quarto, como uma verdade há muito disfarçada, uma evidência negada; tenaz e paciente, sutil, ardoroso, ele tomou posse das fendas do teto, das rugas do seu rosto no espelho trincado, das cartas expostas; penetrou na gota d'água da torneira do patamar, ecoou juntamente com cada quarto de hora no campanário de Saint-Roch.

A cilada era o sentimento por vezes quase exaltante, o orgulho, espécie de embriaguez; você acreditava necessitar apenas da cidade, de suas pedras e de suas ruas, das multidões que o seduziam, necessitar somente de uma ponta de balcão na Petite Source, de um lugar cativo num cinema de bairro; necessitar somente do seu quarto, seu antro, sua janela, sua toca aonde você regressa todos os dias, de onde você sai todos os dias, esse lugar quase mágico onde mais nada daqui por diante vem nutrir a sua paciência, nem mesmo uma fenda no teto, nem mesmo veios na madeira da prateleira, nem mesmo uma flor no papel de parede. Você arruma, mais uma vez, as cinqüenta e duas cartas no banco estreito; procura, mais uma vez, a improvável solução para um quebra-cabeça desfeito.

Você perdeu seus poderes. Não sabe mais acompanhar o lento desprendimento das bolhas e das hastes na superfície da sua córnea. Nenhum rosto, nenhuma cavalgada vitoriosa, nenhuma cidade no horizonte se deixaria decifrar por meio das fendas e das sombras.

A cilada: essa perigosa ilusão de ser — como dizer? — intransponível, de não dar nenhuma oportunidade ao mundo exterior, de deslizar intocável, olhos abertos olhando para a frente, percebendo tudo, os menores detalhes, nada retendo. Sonâmbulo despertado, cego que poderia ver. Estar sem memória, sem medo.

Porém não há saída, nada de milagre, nenhuma verdade. Carapaças, couraças. Após aquele dia sufocante em que tudo começou, onde tudo parou. Você passa roçando os muros sujos das ruas escuras, batendo com a mão direita nas pedras das escadas, nos tijolos das fachadas. Senta-se, balançando as pernas, acima do rio Sena, durante horas contempla o precioso redemoinho formado pelo arco de uma ponte. Você retira os quatro ases das cinqüenta e duas cartas arrumadas. Quantas vezes você refez os mesmos gestos mutilados, os mesmos trajetos que jamais conduzem a parte alguma? Você não tem outro recurso a não ser seus míseros refúgios, sua paciência idiota, os mil e um rodeios que sempre o devolvem ao ponto de partida. Das praças aos museus, dos cafés aos cinemas, das margens aos jardins, as salas de espera nas estações, as recepções dos grandes hotéis, as grandes lojas, as livrarias, as galerias de arte, os corredores do metrô. As árvores, as pedras, a água, as nuvens, a areia, o tijolo, a claridade, o vento, a chuva: só resta a solidão: o que quer que você faça, aonde quer que você vá, tudo o que você vê não importa, tudo o que faz é vão, tudo o que procura é falso. Existe apenas a solidão, que mais cedo ou mais tarde, sempre, você reconhece à sua frente, afetuosa ou desastrosa; sempre, você está sozinho, sem proteção, diante dela, desarmado ou espantado, desesperado ou impaciente.

Você parou de falar e só o silêncio lhe tem respondido. Mas essas palavras, esses milhares, esses milhões de palavras que estão retidos em sua garganta, as palavras sem nexo, os gritos de alegria, as palavras de amor, os risos idiotas, quando então você os reencontrará?

Agora você vive no terror do silêncio. Mas você não é o mais silencioso de todos?

Os monstros entraram em sua vida, os ratos, seus semelhantes, seus irmãos. As dezenas, as centenas, os milhares de monstros. Você os identifica, reconhece-os através de imperceptíveis sinais, de seus silêncios, de suas partidas furtivas, do olhar inconstante, vacilante, assustado, que se desvia quando cruza com o seu. A luz brilha ainda no meio da noite nas janelinhas de sótão de seus quartos sórdidos. Os passos deles ressoam na noite.

Os ratos não falam entre si, não se olham quando passam uns pelos outros. Mas essas caras sem idade, essas silhuetas frágeis ou lassas, esses dorsos redondos, cinzentos, você os identifica a seu lado a toda hora, persegue a sombra deles, você é a sombra deles, você freqüenta suas tocas, seus esconderijos, você tem os mesmos refúgios, os mesmos asilos, os cinemas de bairro exalando o mau cheiro do desinfetante, os jardins de praça pública, os museus, os cafés, as estações, os metrôs, os mercados. Desesperanças assentadas como você nos bancos, desenhando e apagando sem cessar na areia poeirenta o mesmo círculo imperfeito, leitores de jornais encontrados nos cestos de papéis, errantes que intem-

périe alguma é capaz de tolher. Eles têm os mesmos périplos que você, tão vãos, tão lentos, tão desesperadamente complicados. Hesitam como você diante das plantas das estações de metrô, comem pães de leite, sentados nas proximidades das margens.

Banidos, párias, rejeitados, portadores de estrelas invisíveis. Eles caminham roçando as paredes, cabisbaixos, ombros caídos, mãos contraídas agarrando-se às pedras das fachadas, gestos lassos de vencidos, de comedores de pó.

Você os segue, espia-os, odeia-os: monstros escondidos em seus quartos de empregada, monstros de chinelos que arrastam os pés nas redondezas dos mercados pútridos, monstros de olhos glaucos de lampreia, monstros de gestos mecânicos, monstros desvairados.

Você caminha ao lado deles, os acompanha, abre um caminho entre eles: os sonâmbulos, os brutos, os anciãos, os idiotas, os surdos-mudos de boina enterrada até os olhos, os ébrios, os caducos que raspam a garganta e tentam impedir os tremores entrecortados das faces, das pálpebras, os camponeses perdidos na cidade grande, as viúvas, os sonsos, os antepassados, os curiosos.

Eles vieram até você, agarraram-no pelo braço. Como se, desconhecido, perdido em sua própria cidade, você não pudesse cruzar senão com outros desconhecidos; como se, solitário, visse diluírem-se sobre você todos os outros solitários. Como se os únicos que pudessem encontrar-se, pelo tempo de um copo de vinho tinto tomado no mesmo balcão, fossem aqueles que nunca falam, aqueles que falam sozinhos. Os velhos loucos, as

velhas embriagadas, os iluminados, os exilados. Eles se agarram à lapela do seu paletó às abas, às mangas, eles lhe sopram o hálito no rosto.

Aproximam-se devagarinho com sorrisos bondosos, com prospectos, jornais, bandeiras, os miseráveis combatentes das grandes causas imbecis, as máscaras ósseas que vão à guerra contra a poliomielite, o câncer, as moradias insalubres, a miséria, a paraplegia, a cegueira, os cantadores tristes que pedem esmola para os companheiros, os órfãos surrados que vendem toalhinhas de renda, as viúvas esqueléticas que protegem os animais domésticos. Todos aqueles que se aproximam, detêm-no, manipulam-no, cospem-lhe no rosto sua verdade mesquinha, suas eternas interrogações, suas obras caridosas, seu verdadeiro caminho. Os homens-sanduíche da verdadeira fé que salvará o mundo. Vinde a Ele, vós que sofreis. Jesus disse Vós que não vedes pensai naqueles que vêem.

Tez cor de terra, colarinhos gastos, gagos que lhe expõem a vida, prisões, os asilos, as falsas viagens, os hospitais. Os ex-professores primários que gostariam de reformar a ortografia, os aposentados que acreditam ter aperfeiçoado um sistema infalível para recuperar documentos velhos, os estrategistas, os astrólogos, os pesquisadores de nascentes, os curandeiros, as testemunhas, todos aqueles que convivem com suas idéias fixas; os resíduos, os detritos, os monstros inofensivos e senis que divertem os patrões, que lhes servem copos bem cheios que eles não podem levar à boca, as velhas prostitutas de casaco de pele que entornam pingas esforçando-se em manter-se dignas.

E todos os outros, os piores, os beatos, os espertalhões, os seguros de si, os donos da verdade, que sorriem com um ar sabichão, os obesos, os joviais, os vendedores de laticínios, os condecorados; os pândegos, os suburbanos de cabelos besuntados de brilhantina, os providos, os babacas. Os monstros convictos de seus direitos, que o tomam como testemunha, encaram-no, interpelam-no. Os monstros com sua família numerosa, com suas crianças-monstros, cães-monstros; os milhares de monstros bloqueados pelos sinais vermelhos; as fêmeas-monstros ganindo, os monstros de bigode, de coletes, de suspensórios, os monstros turistas despejados aos montes frente aos monumentos horrendos, os monstros endomingados, a multidão monstruosa.

Você vagueia, porém a multidão não o carrega mais, a noite não o protege mais. Você anda, ainda e sempre, caminhante infatigável, imortal. Você busca, você espera. Anda sem destino na cidade fóssil, pedras brancas intactas das fachadas rebocadas, latões de lixo entorpecidos, cadeiras vazias onde vinham sentar-se os porteiros; você vagueia pela cidade morta, andaimes abandonados rentes a edifícios arrombados, pontes encerradas pela neblina, pela chuva.

Cidade pútrida, cidade desprezível, horrenda. Cidade triste, luzes tristes nas ruas tristes, palhaços tristes em *music-halls* tristes, filas tristes em frente aos cinemas tristes, móveis tristes em lojas tristes. Estações sombrias, casernas, galpões. As cervejarias sinistras que se sucedem ao longo dos Grandes Bulevares, as fachadas horrí-

veis. Cidade ruidosa ou deserta, lívida ou histérica, cidade arrombada, saqueada, maculada, cidade cheia de interdições, de grades, de gradis, de fechaduras. A cidade-carniça: mercados apodrecidos, favelas disfarçadas em grandes conjuntos, a zona do coração de Paris, o horror insuportável dos bulevares dos policiais, Haussmann, Magenta; Charonne.

Como um prisioneiro, como um louco em sua cela. Como um rato no labirinto procurando a saída. Você percorre Paris em todos os sentidos. Como um faminto, como um mensageiro portador de uma carta sem endereço.

Você aguarda, você espera. Os cães se apegaram a você e também as garçonetes, e também os garçons de cafés, os lanterninhas, as caixas dos cinemas, os vendedores de jornais, os trocadores de ônibus, os inválidos que vigiam as salas abandonadas dos museus. Você pode falar sem receio, eles lhe responderão todas as vezes com a mesma voz. Seus rostos agora lhe são familiares. Eles identificam-no, reconhecem-no. Não sabem que essas simples saudações, esses únicos sorrisos, esses acenos de cabeça indiferentes são tudo o que cada dia o salva, você que, o dia inteiro, esperou-os como se fossem a recompensa de um feito glorioso de que você não pudesse falar, mas que eles quase chegariam a adivinhar.

Então, de vez em quando, desesperadamente, você tenta impor à sua vida cambaleante o rigor de uma disciplina sem falhas. Você restabelece a ordem, arruma o quarto, fixa um orçamento rigoroso: 500 francos por mês, seu pecúlio, menos 50 francos para o quarto, lhe sobram 15 francos por dia, que são gastos assim:

um maço de cigarros	1,35
uma caixa de fósforos	0,10
uma refeição	4,20
uma entrada de cinema	2,50
uma gorjeta para o lanterninha	0,20
Le Monde	0,40
um café	1,00

Restam-lhe 5 francos e 25 centavos para uma segunda refeição, que se constituirá de um pão de passas ou de meia bisnaga, para outro café, para o metrô, o ônibus, a pasta dental, a lavanderia.

Você regula sua vida como um relógio, como se o melhor meio de não se perder, de não afundar totalmente, fosse entregar-se a tarefas derrisórias, decidir tudo com antecedência, nada deixar ao acaso. Que sua vida seja reclusa, lisa, redonda como um ovo, que seus gestos sejam fixados por uma ordem inalterável que decida tudo por você, que o proteja contra sua vontade.

Com um rigor louvável, você estabelece seus itinerários. Explora Paris rua por rua, do Parque Montsouris aos Buttes-Chaumont, do Palácio de la Défense ao Ministério da Guerra, da Torre Eiffel às Catacumbas. Você toma todos os dias, à mesma hora, a mesma refeição. Vi-

sita as estações, os museus. Toma seu café no mesmo bar. Lê *Le Monde* de cinco às sete.

Você dobra suas roupas antes de deitar-se. Faz a faxina em seu quarto todos os sábados de manhã. Arruma a cama todas as manhãs, barbeia-se, lava suas meias numa bacia de matéria plástica rosa, engraxa os sapatos, escova os dentes, lava a tigelinha e a enxuga e guarda no mesmo lugar na prateleira. Você retira todas as manhãs, no mesmo minuto, no mesmo lugar, do mesmo modo, a tira de papel gomado que fecha o seu maço diário de cigarros.

A ordem de seu quarto. O emprego do seu tempo. Você se obriga a interdições pueris. Não pisa na junção dos paralelepípedos na beira das calçadas. Respeita os sentidos circulares, os estacionamentos proibidos. Não tolera estar atrasado ou adiantado. Você gostaria de acender seus cigarros a cada quarenta e cinco minutos.

Como se, continuadamente, você esperasse do menor dos seus vacilos que o arrastasse de imediato para além do possível.

Como se, continuadamente, você necessitasse dizer para si mesmo: é assim porque eu o quis assim, eu o quis assim ou senão estou morto.

Às vezes, durante noites inteiras, semi-estendido no banco estreito, sem outra iluminação além da claridade tênue e difusa que passa através da janelinha de sótão reavivada, quase regularmente, pela brasa incandescente de seu cigarro, você ouve seu vizinho andar de um lado para outro. A divisória que separa os dois quartos é tão fina que você quase ouve a respiração dele, que você ainda o ouve quando arrasta os chinelos. Você tenta freqüentemente imaginar a aparência dele, seu rosto, suas mãos, o que ele faz, sua idade, seus pensamentos. Você nada sabe a respeito dele, nunca o viu, talvez, no máximo, tenha um dia passado por ele na escada, talvez tenha-se colado à parede para deixá-lo passar, porém sem saber ainda, então, sem poder afirmar que se tratava de seu vizinho. Aliás, você não procura vê-lo, não entreabre a porta quando o ouve sair para encher a chaleira na torneira do patamar, prefere escutá-lo e dar-lhe forma à sua maneira. Sabe somente que o quarto dele é muito maior do que o seu, já que ele pode deslocar-se, já que deve

deslocar-se para alcançar a janela, ou a cama, ou a porta ou os armários, enquanto que, do meio do seu quarto, à altura aproximada de três quartos do banco, você pode, com os pés juntos, alcançar com as mãos qualquer ponto, a janela, a porta, a piazinha, o cantinho das roupas, a bacia de matéria plástica cor-de-rosa, a prateleira.

Ele deve ser velho, considerando sua tosse um pouco rouca, seu pigarro, seus passos arrastados, sem que seja necessário justificar este julgamento pela solidão, pois, da mesma forma que você, ele jamais recebe alguém em seu quarto, como se esse último andar do edifício, do qual, como você sabe, são vocês os únicos ocupantes, ameaçasse, há certo tempo, a segurança daqueles que porventura, outrora, tivessem sido tentados a aproximar-se dele, ou pelo emprego extremamente ritual do tempo; este último ponto tenderia antes a demonstrar que ele, de certa forma como você, é um homem de hábitos, mas talvez, neste caso, um pouco mais sereno do que você. Ele deixa o quarto todos os dias, mesmo aos domingos, no final da manhã, e volta regularmente à noitinha, como se sua atividade, sendo ou não lucrativa, se desenrolasse à luz do dia, sem considerar as horas: ele voltou cada dia um pouco mais cedo, até o Natal, e volta agora cada dia um pouco mais tarde.

Você acredita que ele seja mercador ambulante, vendedor de gravatas expostas num guarda-chuva, ou melhor, representante de algum produto milagroso para tirar os calos, as manchas, as verrugas ou as varizes, ou, melhor ainda, pequeno vendedor de miudezas cujo balcão, constituído de uma maleta aberta repousando sobre quatro pés metálicos telescópicos, oferece aos transeuntes dos Grandes Bulevares pentes, isqueiros, lixas, óculos

escuros, estojos protetores, chaveiros. Tal suposição baseia-se essencialmente no fato de que a principal atividade dele, quando está no quarto, consiste, tanto pela manhã quanto à tardinha, em fechar ou abrir, ou fechar e abrir, gavetas, como se tivesse enorme quantidade de material a apanhar todas as manhãs antes de sair, e a guardar todos os dias no final da tarde.

Talvez ele precise de sua maleta aberta, talvez a use como mesa-de-cabeceira, ou para escrever, ou jantar: você o reveste de traços meio cerimoniosos, meio ridículos: ele põe sobre a maleta uma toalha bordada que lhe resta de uma antiga fortuna, um miserável candelabro que sustenta velas reles, um aparelho de jantar idêntico àqueles que talvez ele venda, isto é, composto de uma caneca e de um prato em matéria plástica cor-de-rosa, e de talheres de alumínio encaixando-se uns nos outros, a colher conservando em baixo-relevo a marca do garfo, o garfo a da faca, as três peças mantidas juntas por um rebite em forma de botão de colarinho postiço, fixado à colher atravessando garfo e faca, e ao qual se prende uma argola de couro; como se, em suma, por uma estranha confusão de sua mente, essa maleta, cuja existência está longe de estar provada, pudesse ser ao mesmo tempo balcão de retroseiro durante o dia, maleta de piquenique à noite. Porém nem mesmo é certo que seu vizinho jante, você nunca sente o cheiro, nunca ouve frigirem os miúdos, os rins que seriam seu alimento predileto. Você sabe somente com alguma certeza que ele vai encher a chaleira na torneira do patamar (pois embora o quarto dele seja maior do que o seu, não tem água encanada) e que a coloca sobre um fogareiro cujo funcionamento você desconhece, mas que deve ser de um tipo bastante primitivo

tendo em vista o tempo que a chaleira leva para começar a assobiar, isto é, para a água começar a ferver.

Por mais que você escute, que preste atenção, que coloque o ouvido junto à divisória, no final você nada vem a saber. Parece que quanto mais aumenta a precisão de sua percepção, mais diminui a certeza de suas interpretações. É possível que ele abra ou feche as gavetas continuadamente, porém nem mesmo isto é certo, nada impede, por exemplo, que ele, com um objetivo que você ignora, ou até mesmo com a intenção de iludi-lo, esfregue duas tábuas uma contra a outra, ou então abra ou feche realmente uma ou várias gavetas, sem necessidade, isto é, sem pôr nada dentro, sem nada tirar, somente para fazer barulho, ou porque ele gosta do barulho das gavetas abrindo-se e fechando-se. É possível que ele saia todos os dias no final da manhã, mas nem sempre você está presente para ter certeza e, do mesmo modo, você sai às vezes à noitinha antes que ele esteja de volta; pode ser até mesmo que ele saiba fingir sair, que desça alguns degraus e torne a subir tão de mansinho que, apesar de todos os seus esforços, você não pode mais perceber a presença dele. Talvez ele apanhe água no patamar, talvez a chaleira assobie quando a água ferve: mas talvez seja ele quem assobia, como saber?

Entretanto, às vezes, você compartilha da vida dele, os ruídos dele são seus, já que você os escuta, os espera, já que eles o mantêm vivo, da mesma forma que a gota d'água, os sinos de Saint-Roch, a bulha da rua, da ci-

dade. Para você pouco importa que se engane, que inter-
prete, que invente. Basta que você o tenha transformado
em retroseiro para que o seja, com sua maleta dobrável,
seus pentes, seus isqueiros, seus óculos escuros. Ele vive
a magra existência que você lhe permite viver, desvane-
cendo-se tão logo tenha escapado do campo de sua per-
cepção, morrendo logo que você adormece tendo a cargo
o restante do tempo, encher a chaleira de água, tossir, ar-
rastar os pés, fechar, abrir as gavetas.

Mas talvez, sem sabê-lo, numa simbiose silenciosa,
ele compartilha de sua vida? Talvez ele seja como você,
que espreita sua tosse, os assobios, os barulhos de ga-
veta, talvez o toque da xícara que você coloca na pratelei-
ra, o farfalhar dos jornais que você toma e retoma, o des-
lizar das cartas que você distribui no banco estreito, os
ruídos da água, sua respiração, sejam para ele, junta-
mente com a gota d'água, o campanário, a bulha da rua,
da cidade, o espesso tecido do tempo que transcorre, da
vida que se mantém. Talvez ele tente desesperadamente
conhecê-lo, talvez interprete infinitamente cada gesto
percebido: quem é você, o que faz, você que amarfanha
jornais, que fica vários dias sem sair, ou vários dias sem
voltar?

Mas você faz tão pouco barulho! Ele apenas pode
supor a sua presença, e, se estiver atento a ela, é porque
ele tem medo, é porque você o assusta: ele é como aquele
velho texugo em sua toca, nunca bem protegido o sufi-
ciente, que ouve nos arredores um barulho que nunca

consegue situar de fato, um barulho que nunca aumenta nem diminui, que nunca cessa. Ele procura proteger-se, tenta desajeitadamente preparar armadilhas para você, para fazê-lo crer que é poderoso, que não o teme, que não treme: mas ele é tão velho! Tem energia só para contar e recontar sua fortuna, para transferi-la continuadamente para outro esconderijo.

Não lhe desagrada, imbecil, acreditar às vezes que você o fascina, que ele realmente tem medo: você se esforça em manter-se em silêncio o mais longo tempo possível; ou então você raspa com um pedaço de pau, uma lixa, um lápis, no alto da divisória que separa os dois quartos, produzindo um barulho minúsculo e irritante.

Ou então, ao contrário, tomado por uma simpatia repentina, você quase chega a ter vontade de enviar-lhe mensagens salutares, batendo na divisória, um toque para A, dois toques para B…

Agora você não tem mais amparo. Tem medo, mantém-se na expectativa de que tudo pare, a chuva, as horas, o fluxo dos carros, a vida, os homens, o mundo, que tudo venha abaixo, as muralhas, os torreões, os pisos e os tetos; que os homens e as mulheres, os anciãos e as crianças, os cães, os cavalos, os pássaros, um a um, caiam por terra, paralisados, empestados, epiléticos; que o mármore se esboroe, que a madeira se desfaça em pó, que as casas desabem em silêncio, que as chuvas diluviais dissolvam as pinturas, desajustem as cavilhas dos armários centenários, retalhem os tecidos, derretam a tinta dos jornais; que um fogo sem labaredas destrua os degraus das escadas; que as ruas se rompam no meio exato, expondo o labirinto medonho dos esgotos; que a ferrugem e a bruma invadam a cidade.

Às vezes você sonha que o sono é uma morte lenta que o invade, uma anestesia doce e terrível ao mesmo

tempo, uma necrose feliz: o frio sobe ao longo de suas pernas, de seus braços, sobe lentamente, entorpece-o, aniquila-o. Seu dedo do pé é montanha longínqua, sua perna um rio, sua face travesseiro, você se aloja inteiramente dentro de seu polegar, funde-se, escorre como areia, como mercúrio. Você é só um grão de areia, homúnculo encarquilhado, coisinha inconsistente, sem músculos, sem ossos, sem pernas, sem braços, sem pescoço, pés e mãos confundindo-se, lábios imensos que o engolem.

Você cresce muitíssimo, explode, morre, dilacerado, petrificado: seus joelhos são pedras duras, suas tíbias barras de ferro, seu ventre um banco de gelo, seu sexo uma estufa, seu coração uma caldeira. Sua cabeça é um matagal que a neblina invade, véus delicados, redes espessas, manto pesado...

Suas sobrancelhas levantam-se, contraem-se; sua testa enruga-se, seus olhos fixam-no. Sua boca abre e fecha.

Você se olha atentamente no espelho e, mesmo examinando bem de perto, você se acha com um semblante melhor (é verdade que a claridade é a da noite e que o foco de luz está atrás de você, de modo que somente a penugem que cobre a borda de suas orelhas está verdadeiramente iluminada) do que realmente você sabe que tem. É um rosto límpido, harmoniosamente modelado, quase belo de contornos. O negro dos cabelos, das sobrancelhas e das órbitas irrompe como uma coisa viva do conjunto do rosto expectante. O olhar não é devastado, não há nele traços de derrota, mas também não é um olhar ingênuo, seria antes incrivelmente enérgico, a menos que seja simplesmente observador, já que você está se observando e quer assustar-se.

Que segredos você busca no espelho trincado? Que verdade no seu semblante? Esse rosto redondo, meio inchado, já quase balofo, sobrancelhas emendadas, a minúscula cicatriz acima do lábio, os olhos meio globulosos, os dentes irregularmente plantados, cheios de tártaro amarelado, as excrescências múltiplas, acnes, nevos, pontos negros, verrugas, cravos, pintas enegrecidas ou acastanhadas de onde surgem alguns pêlos, abaixo dos olhos, no nariz, abaixo das têmporas. Chegando mais perto, você pode perceber que a sua pele está assustadoramente estriada, enrugada, transparente. Você pode ver cada poro, cada saliência. Você observa, investiga os lados do nariz, os cieiros dos lábios, a raiz dos cabelos, os vasinhos nítidos raiando de vermelho o branco dos olhos.

Às vezes você se assemelha a uma vaca. Seus olhos globulosos nenhum interesse demonstram por aquilo com que deparam. Você se vê no espelho e isto não desperta sentimento algum, nem mesmo aquele que poderia nascer do simples hábito. Essa imagem meio bovina que a experiência ensinou-lhe a identificar como a mais infalível representação de seu rosto parece não ter por você qualquer simpatia, qualquer reconhecimento, como se, absolutamente, não o reconhecesse, ou melhor, como se, reconhecendo-o, ela tomasse o cuidado de não manifestar qualquer espécie de surpresa. Você não pode pensar seriamente que a imagem lhe queira mal, nem mesmo que pense em outra coisa. Simplesmente, como uma

vaca, uma pedra ou a água, nada tem de especial a dizer-lhe. Olha para você por cortesia, porque você olha para ela.

Você estica o canto dos olhos, para dar-lhe um ar chinês, ensaia algumas caretas, com o olhar exorbitado: o zarolho de boca torta, o macaco estirando a língua por dentro do lábio superior ou do inferior, com as bochechas chupadas para dentro, infladas, porém, chinesa ou cômica, a vaca no espelho trincado deixa-se crescer sem reagir. A submissão dela é de tal modo evidente que o tranqüiliza a princípio antes de perturbá-lo, pois, no final, torna-se quase incômodo. Você pode baixar os olhos diante de um homem ou de um gato, porque o homem ou o gato fitam-no, e porque o olhar é uma arma (e a benevolência de um olhar talvez seja mesmo a pior das armas, aquela que desarmá-lo-á quando o ódio nada teria feito) mas enfim, nada é mais descortês do que baixar os olhos diante de uma árvore, ou diante de uma vaca, ou diante de sua imagem no espelho.

Em tempos passados, em Nova Iorque, a algumas centenas de metros de distância dos quebra-mares, aonde vêm bater as últimas ondas do Atlântico, um homem deixou-se morrer. Ele era escriba junto a um homem da lei. Escondido atrás de um biombo, permanecia sentado à sua escrivaninha e nunca saía dali. Alimentava-se de biscoitos de gengibre. Contemplava pela janela um muro de tijolos escurecidos que quase podia alcançar. Era inútil pedir-lhe qualquer coisa que fosse, reler um texto ou ir ao correio. Nem ameaças nem súplicas tinham poder sobre ele. Por fim, ficou quase cego. Foi ne-

cessário despedi-lo. Instalou-se na escadaria do prédio. Prenderam-no, mas ele sentou-se no pátio da prisão e recusou alimentar-se.

Você não está morto e não é mais bem-comportado.

Você não expôs seus olhos à queimadura do sol.

Os dois velhos atores de segunda classe não vieram buscá-lo, nem grudaram em você formando assim um bloco tão compacto que não teria sido possível destruir um dos três sem aniquilar os dois outros.

Os vulcões misericordiosos não se debruçaram sobre você.

Que maravilhosa invenção é o homem! Ele pode soprar as mãos para aquecê-las e soprar a sopa para esfriá-la. Pode prender delicadamente, se não estiver com muito nojo, qualquer coleóptero entre o polegar e o indicador. Pode cultivar vegetais e deles extrair seu alimento, seu vestuário, algumas drogas, e até mesmo perfumes que servirão para disfarçar seu odor desagradável. Pode trabalhar os metais e fazer panelas (o que um macaco não saberia fazer).

Quantas histórias exemplares exaltam sua grandeza, seu sofrimento! Quantos Robinson, Roquentin, Mersault, Leverkühn! Os pontos positivos, as belas imagens, as mentiras: não é verdade. Você nada aprendeu, nada saberia testemunhar. Não é verdade, você não acredita neles, não acredita nos mártires, nos heróis, nos aventureiros!

Somente os imbecis falam ainda sem rir do Homem, do Animal, do Caos. O mais ridículo dos insetos despende para sobreviver uma energia semelhante, senão superior àquela que foi necessária a não se sabe que aviador, vítima dos horários furiosos impostos pela Companhia à qual se orgulhava de pertencer, para atravessar certa montanha que estava longe de ser a mais alta do planeta.

O rato, no seu labirinto, é capaz de verdadeiras proezas: ligando cuidadosamente os pedais que ele deve pressionar para obter seu alimento ao teclado de um piano ou à estante de um órgão, pode-se conseguir que ele execute convenientemente ''Jesus que minha alegria perdure'' e nada impede de pensar que ele sinta um prazer extremo.

Mas você, pobre Dédalo, não havia labirinto. Falso prisioneiro, sua porta estava aberta. Nenhum guarda ali estava de sentinela, nenhum comandante de guarda no final do corredor, nenhum Grande Investigador à pequena porta do jardim.

Chegar ao fundo, nada quer dizer. Nem ao fundo do desespero, nem do ódio, nem da decadência etílica, nem da solidão orgulhosa. A imagem belíssima do mergulhador que, com um vigoroso impulso dos pés, sobe novamente à superfície, estaria presente para lembrar-lhe, se preciso fosse, que aquele que caiu tem direito a todas as honras: a misericórdia de Deus estendeu-se sobre ele da mesma forma que sobre todos os habitantes dos céus aos quais Ele concede o alimento. Tanto os pecadores quanto os mergulhadores foram feitos para serem absolvidos.

Mas nenhuma errante Raquel o recolheu dos destroços milagrosamente preservados do Pequod para que, por sua vez, outro órfão, você viesse testemunhar.

Sua mãe não costurou suas roupas. Você não sai, pela milionésima vez, em busca da realidade da experiência nem para modelar na forja de sua alma a consciência incriada de sua raça.

Nenhum remoto antepassado, nenhum antigo artesão o assistirá hoje nem em dia algum.

Você nada aprendeu, a não ser que a solidão nada ensina, que a indiferença nada ensina: era um engodo, uma ilusão fascinante e enganadora. Você estava só e eis tudo e queria proteger-se; que entre o mundo e você as pontes estejam para sempre rompidas. Mas você é tão pouca coisa e o mundo é uma palavra tão grande: você

jamais fez outra coisa a não ser vagar por uma cidade grande, a não ser caminhar ao longo de alguns quilômetros de fachadas, de vitrinas, de parques e de cais.

A indiferença é inútil. Você pode querer ou não querer, que importa! Jogar ou não jogar uma partida de bilhar elétrico, alguém, de qualquer modo, introduzirá uma moeda de vinte centavos na fenda do aparelho. Você pode acreditar que ao tomar diariamente a mesma refeição você efetua um gesto decisivo. Porém sua relutância é inútil. Sua neutralidade nada quer dizer. Sua inércia é tão vã quanto sua cólera.

Você acredita poder passar, indiferente, percorrer as avenidas, deixar-se levar pela cidade, seguir os passos das multidões, penetrar no jogo das sombras e das frestas.

Mas nada aconteceu: nenhum milagre, nenhuma explosão.

Cada dia debulhado só fez corroer sua paciência, vivificar a hipocrisia de seus ridículos esforços. Seria necessário que o tempo tivesse parado totalmente, mas ninguém é forte o bastante para lutar contra o tempo. Você pode trapacear, ganhar migalhas, segundos; porém os sinos de Saint-Roch, a alternância dos sinais no cruzamento da Rua des Pyramides com a Rua Saint-Honoré, o gotejar previsível da água na torneira do patamar, jamais deixaram de medir as horas, os minutos, os dias e as estações. Você pode ter fingido esquecer, pode ter caminhado à noite, dormido o dia. Você nunca o enganou completamente.

Por muito tempo você construiu e destruiu seus refúgios: a ordem ou a inação, as digressões ou o sono, as rondas noturnas, os instantes neutros, a fuga das sombras e das luzes. Talvez você pudesse durante muito tempo ainda continuar mentindo para si mesmo, embrutecendo-se, comprometendo-se. Mas o jogo terminou, a grande festa, a embriaguez falaciosa da vida suspensa. O mundo não saiu do lugar e você não mudou. A indiferença não o tornou diferente.

Você não está morto. Você não enlouqueceu.

As calamidades não existem, elas estão alhures. A menor catástrofe teria sido suficiente para salvá-lo: você teria perdido tudo, teria tido algo a defender, palavras a serem ditas para convencer, para comover. Mas você nem mesmo está doente. Seus dias e suas noites não estão em perigo. Seus olhos vêem, sua mão não treme, sua pulsação está normal, seu coração bate. Se você fosse feio, sua feiúra poderia ser fascinante, mas nem mesmo feio você é, nem corcunda, nem cego, nem maneta, nem mutilado e nem mesmo coxo.

Nenhuma maldição pesa sobre seus ombros. Você é um monstro, talvez, mas não um monstro dos Infernos. Não tem necessidade de se contorcer, de uivar. Nenhuma provação o espera, nenhuma rocha de Sísifo, nenhum cálice lhe será apresentado para ser negado em se-

guida, nenhum corvo deseja os seus globos oculares, nenhum abutre se viu obrigado a cumprir o indigesto castigo de vir comer-lhe o fígado, de manhã, ao meio-dia e à tarde. Você não precisa arrastar-se diante de seus juízes, pedindo perdão, implorando piedade. Ninguém o condena e você não cometeu erros. Ninguém o observa para logo desviar-se horrorizado.

O tempo, que tudo vela, apresentou a solução contra a sua vontade.
O tempo, que conhece a resposta, continuou a decorrer.

É num dia como este, um pouco mais tarde, um pouco mais cedo, que tudo recomeça, que tudo começa, que tudo continua.

Pare de falar como um homem que sonha.

Olhe! Olhe-os! Eles estão ali milhares e milhares, sentinelas silenciosas, terráqueos imóveis, plantados ao longo dos cais, das margens, das calçadas banhadas pela chuva da praça Clichy, em plena fantasia oceânica, esperando os borrifos do mar, o choque das marés, o grito rouco dos pássaros marinhos.